

5ª edição

junho 2022

ARTRILHA

revista

Artrilha Editora

ARTRILHA

revista

Edna Carla Stradioto

organizadora

ISBN: 978-65-84912-00-7

CSL



9 786584 912007

5ª edição - junho de 2022

Published by Artrilha Editora

Edição

Edna Carla Stradioto

Conselho editorial

Arnaldo Etrusco

Edna Carla Stradioto

Gustavo Perino

James Lisboa

Maurício Siqueira

Oscar D'Ambrosio

Patrícia Reis Buzzini

Projeto gráfico e edição

Edna Carla Stradioto

Arte da capa e contra-capas

Ju Barros | Curare | Mosaico com pintura em vidro | 120x90 cm | 2022 e

Ju Barros | Affectio | Mosaico com pintura em vidro | 120x90 cm | 2002

Revista Artrilha

É um projeto do grupo Artrilha, cuja publicação e distribuição é gratuita. Nessa edição, em especial, as revistas numeradas entre 01 e 100 serão disponibilizadas para venda, as demais não podem ser comercializadas.

Todos os direitos desta edição reservados à Artrilha Editora

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Revista artrilha 5 / organização Edna Carla Stradioto. -- São José do Rio Preto, SP : Artrilha Editora, 2022.

ISBN 978-65-84912-00-7

1. Artes 2. Artes plásticas 3. Artes visuais
4. Artistas brasileiros 5. Artrilha (Revista)
I. Stradioto, Edna Carla.

22-112269

CDD-700.981

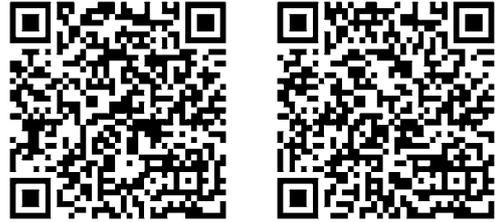
Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Brasil 700.981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

QUEM SOMOS

Artrilha
contato@artrilha.com.br



Artrilha é um grupo de artes visuais formado por um coletivo de artistas, uma editora e uma galeria com e-commerce. É administrado pela artista plástica Edna Carla Stradioto.

É com orgulho que apresentamos a Revista Artrilha 5, em versão impressa, e digital em português e inglês!

O grupo Artrilha também tem a honra de falar sobre os outros projetos que administramos e coordenamos: Leilão Artrilha de arte, Galeria Artrilha com e-commerce e presença física em andamento, Prêmio Artrilha, exposições presenciais cada vez mais relevantes, exposições digitais, salão nacional, curadoria, aconselhamento profissional e muitos outros.

Como conseguimos tantas ações paralelas e projetos com coêrencia e consistência? Sem qualquer pressunção, podemos garantir que o Artrilha se destaca por sua ética, transparência, organização, planejamento, habilidade e background que garantem conhecimento e aptidão para criação e gerenciamento das variadas áreas de atuação, que são, na verdade, desmembramentos de uma única categoria: artes visuais. Além disso contamos com logística qualificada, administração financeira competente, parcerias de alto valor agregado, estrutura enxuta, custos ponderados, margem de lucro estreita, e tudo isso nos permite atuar no mercado privado, ter valores acessíveis e espaços democráticos de profissionalização para os artistas contemporâneos.

Conheça melhor nosso trabalho e veja como nos esforçamos para criar propostas melhores, mais inclusivas e com grande envergadura, cada dia mais!

Edna Carla Stradioto
edna@ednastradioto.com.br



Edna Carla Stradioto é artista plástica, fundadora e administradora do grupo Artrilha, sócia da Artrilha Editora, na qual é editora-chefe. É mestre em teoria da imagem pela UNESP e doutoranda na mesma área pela Universidade do Minho. Com o Artrilha já criou os projetos da Revista Artrilha, Leilão Artrilha, Exposição Catavento, Prêmio Artrilha, E-commerce Artrilha, Galeria Digital Artrilha, entre outros.

Olá, tudo bem? A Revista Artrilha 5 tem como propósito a homenagem aos mosaicos e vitrais, e a ideia sempre vem de privilegiar uma categoria artística que é vital e importante, mas que nem sempre é protagonista, ou que vem perdendo espaço no mercado de arte. Sei que a área de mosaico e vitrais tem relevância indubtable na produção artística mundial. É parte dos maiores e mais importantes conjuntos arquitetônicos, presente em catedrais, edifícios históricos e patrimônios tombados. No entanto, no dia-a-dia são raros os artistas que conseguem destaque nessa área e a Revista Artrilha está aqui para “reparar”, um pouco, essa condição.

Trazemos na capa a artista brasileira Ju Barros que fez duas obras para a capa e contra-capas. Além disso, trouxemos a experiência e opinião de uma das maiores especialistas do mundo, na atualidade, na área dos vitrais: Maddalena Forenza. E também a especialista em peritagem em Art Nouveau, Yanina Brosky, com um texto delicioso que discorre sobre aspectos de destaque desse mercado. Nosso prefácio sempre é realizado por Patrícia Reis Buzzini que brinda nosso público com uma visão atual do tema da revista. Temos também nossos parceiros Oscar D'Ambrosio e seu olhar aguçado sobre a arte, Arnaldo Etrusco falando sobre NFT e Maurício Siqueira nos atualizando sobre o mercado de design. Finalmente, nessa edição, hossa homenageada é a artista que criou a primeira capa da revista: Andrea C. Krause, com uma repaginada da primeira capa.

Sempre nos esforçamos para trazer o melhor do nosso networking e dos artistas contemporâneos para você. Obrigada por estar conosco!

Edna Carla Stradioto

Patrícia Reis Buzzini

patrbuzzini@hotmail.com



Patrícia Reis Buzzini é escritora, tradutora, poetisa e articulista no Jornal Diário da Região de Rio Preto. Formada em Letras e doutora em Estudos Linguísticos (UNESP/Manchester), com especialização em História da Arte (FAAP). Membro da Academia Brasileira de Escritores (ABRESC) e da Academia Rio-Pretense de Letras e Cultura (ARLEC).

Em Vidro *Veritas*

O vidro é um material versátil, sustentável e essencial à tecnologia, à ciência, e à arte. Ao longo de séculos, técnicas variadas de fabricação de vidro foram desenvolvidas para satisfazerem diferentes finalidades. Julga-se que os egípcios começaram a soprar o vidro em 1.400 a.C., visando à produção de adornos e objetos decorativos de arte tumular, entre outras coisas. Na Idade Média, o vidro foi considerado um dos mais importantes elementos arquitetônicos, graças à construção de catedrais góticas europeias cujos vitrais podem ser apreciados até os dias atuais. Nessa mesma época, segundo David Hocney (2001), surgiram espelhos fabricados com vidro, cujo dorso das lâminas recebia finas camadas de aço, prata ou chumbo. Em 1317, o autor relata que um mestre alemão instruiu artífices venezianos, e a manufatura de espelhamentos ganhou escala comercial. No século IX, em Roma, surgiram os primeiros vidros Murano, sob uma forte influência das culturas asiática e muçulmana. De acordo com historiadores, os artesãos italianos foram obrigados a migrarem para a Ilha de Murano, na região dos lagos venezianos, para não transmitirem a preciosa técnica a estrangeiros. Atualmente, a arte em vidro continua em constante evolução, agregando materiais como aço, pedra e madeira e priorizando formas limpas e padrões geométricos, como mostram as esculturas de vidro de Livio Seguso, e da dupla Stanislav Libenský e Jaroslava Brychtová.

Além de servir de matéria prima para artistas e escultores, o vidro também inspirou o trabalho de pintores e escritores. Conforme relata Hocney, a partir de 1430, começaram a ser construídas na Alemanha, na França e na Itália, caixas de madeira que utilizavam lentes e espelhos para reproduzir o mundo com mais perfeição. A imagem luminosa introduzida nessas caixas eram refletidas por meio de lentes e espelhos aos olhos do pintor, como ocorria com as máquinas fotográficas analógicas. Na história da arte, desde o Renascimento até o final do século XIX, muitos pintores se valeram dessas “câmaras escuras” para desenvolverem representações minuciosas e realistas de ambientes interiores, naturezas mortas, retratos, texturas e reflexos de imagens no espelho. Na obra “O casal Arnolfini” (1434), por exemplo, Jan Van Eyck vale-se de um pequeno espelho convexo para reproduzir a cena de um matrimônio no sentido inverso ao olhar do espectador, obtendo assim uma perspectiva tridimensional: o registro pictórico do casal de frente – no qual percebe-se a frase em latim “Johanes de Eyck fuit hic” (Jan Van Eyck esteve presente) na parede ao fundo – e de costas, juntamente com a imagem do pintor que aparece no reflexo do espelho pintado na obra. Entre outros pintores famosos por explorarem recursos semelhantes, podemos citar os italianos Parmigianino, e seu “Autoretrato frente a um espelho” (1524) e Bernardo Strozzi, com a obra “Vanitas” (1630), além do espanhol Luiz de Velásquez, com “As meninas” (1656). Na literatura, é possível identificar uma série de obras inspiradas em atributos do vidro ou do espelho. Em “A redoma de vidro” (1963), único romance escrito por Sylvia Plath, a autora busca questionar normas sociais da época, impostas por uma ideologia sufocante que confinava o corpo e a mente da mulher sob uma redoma de vidro alegadamente intransponível. No conto “O espelho”, por sua vez, Machado de Assis elabora uma espécie de esboço da alma humana: “Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade”. Com razão, a arte sempre será motivo de espanto e de admiração pela inesgotável fonte de recursos expressivos e experiências que nos proporciona. Se o objeto artístico reflete a realidade ou a fantasia, nunca saberemos. Mas quem disse que isso importa?

Patrícia Reis Buzzini

Oscar D'Ambrosio

odambros@uol.com.br



Oscar D'Ambrosio é Pós-Doutor e Doutor em Educação, Arte e História da Cultura, Mestre em Artes Visuais, jornalista e crítico de arte.

Multifacetado do Vidro na Carreira de Artistas Visuais

O fato de 2022 ter sido declarado, pelo Conselho da ONU – Organização das Nações Unidas, o Ano Internacional do Vidro, estimula discutir algumas das características do material. Reciclável, transparente, impermeável e higiênico, está presente em utensílios, embalagens de alimentos, janelas e fachadas.

O vidro pode ser analisado em suas dimensões concretas e simbólicas, nas mais diversas técnicas, com a sua presença explicitada ou sugerida, seja no bidimensional ou no tridimensional. Apresenta ainda importâncias artísticas, tecnológicas, científicas, culturais e econômicas.

É um material que fascina engenheiros, arquitetos, designers e artistas. Lidar com ele e seus significados demanda pesquisa e dedicação não somente enquanto conhecimento do material, mas, principalmente pelas suas simbologias. Aparências e efeitos próximos aos dele podem até ser obtidos com diversas técnicas de acordo com a intuição e a criatividade de cada um.

O vidro pode ser visto e trabalhado sob as mais variadas perspectivas e formatos dentro da poética e da memória afetiva de cada um, com diversas camadas de interpretação, dentro de perspectivas que geram questionamentos e abordagens diferenciadas, instaurando universos em que o vidro seja o ponto de partida e de chegada do pensar, do criar e do fazer visual.

Vamos optar aqui, porém, por entender a carreira de um artista como um ser feito de vidro. Quais possibilidades se abrem? O que ele pode ser com esse material tão potente?

1 – Espelho: O criador considera, acima de tudo, a sua arte como um espelho essencial para a nação. Entende-a como uma individual jornada de vida e de morte que aponta para uma vereda coletiva de resiliência e de construção.

2 – Jogo de Xadrez: Na arte, mesmo que pareça que você está fazendo sucesso, se o ritmo for o mesmo por muito tempo, é possível que o vigor e a qualidade do trabalho não sejam sempre os mesmos. Insistir numa mesma tecla, irá exaurir a sua força. Manter a produção criativa em alta por longos períodos pode esgotar as energias necessárias para continuar. Para que isso não ocorra, ser um jogo de xadrez de vidro ajuda a pensar e a executar as melhores estratégias.

3 - Águia: Ser uma águia de vidro significa ter a elegância dessa ave, entendendo que pode ser melhor preservar o próprio trabalho que o destruir; manter a cabeça no lugar que se destruir; observar o sistema que falar mal dele; distanciar-se dele para o conhecer melhor; e saber o que se deseja antes de entrar no universo da arte. Para voar nele, é preciso confiar naquilo que se faz. Quem agita as asas sem reflexão pode ser engolido por si mesmo e por aquilo que está ao redor.

4 – Herói: Um artista torna-se mais forte quando conhece a si mesmo. Ser um herói de HQ feito em vidro significa ter domínio das próprias habilidades e qualidades, mas sem esquecer de suas fragilidades.

5 – Fachada de um Edifício: Conseguir um lugar no altamente competitivo mercado de arte contemporâneo é como ser uma fachada de vidro de um alto edifício. Para não cair ou quebrar, é essencial conciliar métodos surpreendentes e tradicionais. A criatividade mostra a sua infinita capacidade nos primeiros. Nos outros, o aprender com os erros próprios e alheios faz a diferença.

6 – Taça: As taças feitas nos melhores vidros e com as melhores técnicas ganham destaque. Aqueles que inovam primeiro, seja na poética, na técnica ou no assunto, ficam mais à vontade na mesa do sistema da arte. Aquelas que chegam depois terão uma repercussão menor.

7 – Xícara: A dificuldade no mundo da arte é construir inquietações de uma vida em resultados poéticos, tornando aparentes problemas em soluções criativas. A xícara ainda pode ser usada em sua função, mas uma estética surpreendente dela faz toda a diferença no prazer de quem a utiliza.

8 – Bibelô: No mundo da arte, assim como em uma loja de objetos de vidro, o bibelô muitas vezes não é comprado quando a situação econômica não é favorável. Se o artista se sente acuado, aparentemente sem possibilidade de avançar, chegou a hora de buscar oportunidades, mostrando o seu valor e diferencial. Tornar próximas as longas distâncias; e transformar problemas em ações são caminhos a serem percorridos para que o bibelô sai da prateleira da loja e conquiste o mundo.

9 – Abajur: O artista que se sente frágil como um abajur de vidro, necessita observar com mais calma o que está ao seu redor. As montanhas são os ideais a serem buscados; e os vales, embora aparentemente assustadores, dão pistas para conhecer melhor aquilo do qual se deseja estar longe. A luz está nas alturas. Se o design dificulta a leveza e o movimento, espera, com paciência a perseverança, que quem se apaixonou por você te carregue. Enquanto isso, consolida as tuas convicções.

10 – Caco: Há artistas que podem se sentir cacos. Talvez por não terem se avaliado corretamente; ou por não terem sabido aproveitar as oportunidades que a vida deu; ou por não praticar sempre; ou por não seguir a intuição; ou por buscar instaurar ordem em tudo; ou por fazer escolhas sem pensar como elas são determinantes para o presente e para o futuro. Cacos, porém, podem ser reconstruídos e colados em busca de novas direções, diferentes das primeiras, mas não por isso menos importantes.

11 – Peça na Oficina: Estar em uma oficina de sopro de vidro equivale a estar no mundo da arte. Ali, toda oportunidade deve ser aproveitada imediatamente. Perante um terminado ambiente, é preciso observar aqueles que estão em volta e visualizar o que farão com você. Perante uma possibilidade, é melhor ser maleável para que o artista ou artesão te leve a ocupar aquele lugar que ambos acreditam que você merece ocupar.

12 – Vidro Transparente: Transparência é uma palavra mágica no mundo da arte. Ela se manifesta por diversos caminhos: pela personalidade (excêntrica ou extremamente reservada); pelos materiais (refinados e de alta qualidade; ou pela reciclagem e reaproveitamento); pela técnica (original e inusitada; ou precisa como resultado de muito estudo e exercício); pelo acervo (guardar o melhor que é feito para mostrar no momento adequado); e pela poética (criar e desenvolver um conceito denso daquilo que é feito, vinculando as suas motivações, aquilo que é apresentado e as jornadas futuras). Essas vias podem ser percorridas simultaneamente ou em paralelo, com eventuais pontos de encontro. Não há fórmulas sagradas, mas muito trabalho produtivo à frente, principalmente quando o artista é transparente consigo mesmo, com o seu trabalho e com o seu público.

13 – Copo: A arte não é um copo utilitário, utilizado apenas como recipiente para bebidas. Envolve o mistério do processo criativo. Demanda discernir sobre o que se faz, conhecer a técnica utilizada, compreender que se trata de um ato de partilha com a Humanidade e ter um senso de justiça em todos os seus aspectos. A arte exige a sutileza de entender-se como um copo de vidro integrante do mundo, sem superioridade ou inferioridade, mas como parte de um todo existencial.

Portanto, neste Ano Internacional do Vidro, o artista pode estudar-se para perceber que objeto de vidro e quais são os seus atributos. Uma reflexão densa permite uma busca que observe o conjunto do mundo da arte para escolher ações que levem para um lugar pleno de atos, reações, obras e erros sejam oportunidades de desenvolver os diversos usos da linguagem para uma criação poética e contemporânea frágil como um belo cristal ou rico em interpretações como um espelho.

Oscar D'Ambrosio

Maurício Siqueira
mauricio@siqmarketing.com.br



Maurício Siqueira é formado em Publicidade&Propaganda e pós-graduado em Marketing Estratégico, conta com mais de 35 anos de experiência é CEO da Casacor Ribeirão Preto, Casacor Franca, e Design Forum. É também fundador da Siq Marketing, além de ser palestrante, mentor e consultor, atuando no Brasil e em especial, em Milão, Itália.

Infinito Particular

Como resposta à necessidade de encontrar equilíbrio e seguir adiante em tempos conturbados, surge o conceito Infinito Particular – apresentado nas mostras de CASACOR em 2022.

Um refugio biográfico para o armazém de memórias e o porto seguro das pessoas.

A pandemia e o COVID-19 exauriu as energias de todos os habitantes da terra nos últimos 2 anos. As perdas, as mudanças, estar recluso, estar doente e outros problemas, se transformaram em proporções muito maiores que seriam de fato, polarizando e tornando situações simples em conflitos. Que os psicólogos digam “amem” porque terão muitas mentes a serem consertadas e reajustadas. E, quando achávamos que as coisas se organizariam, surge a guerra na Ucrânia desestabilizando tudo e deixando o mundo cheio de incertezas. Para passarmos tudo isso, apenas um lugar pode dar o aconchego e a recepção que tanto precisamos, as nossas casas. O refugio de nossas vidas, onde as coisas simples, o bem-estar, o senso de proteção e abraço fraternal ao estarmos com nossas famílias passa a ter um significado impar em nossas vidas. Surge a necessidade do “INFINITO PARTICULAR”, de cada um, para nossas paixões, prazeres e lembranças.

Neste momento onde todos passaram a “usar” mais as casas ela se tornou o espaço multiuso, multifuncional, multireceptiva, seja pela tela ou pelo presencial. Todos os hábitos digitais adquiridos no período de isolamento social da pandemia, passaram a ser integrados em nosso dia-a-dia, como normais: a tela virou a janela

de nossas casas para ver o mundo, para trabalhar, estudar, reunir, treinar, realizar consultas médicas, ir ao banco, e encontrar familiares e amigos, mesmo que à distância conseguíamos ter um pouco do contato fraterno, mesmo sem um forte e gostoso abraço, mas vendo, ouvindo e curtindo momentos de uma proximidade à distância.

Conseguimos passar pelo pouco contato com as pessoas, e expandiu o universo virtual. Por outro lado, nossas casas ficaram pequenas, claro, todos juntos e ao mesmo tempo do dia para a noite. Em apenas um clique, ficamos trancados em nossas casas, com medo do desconhecido, e passamos usar e dividir os espaços. Salas viraram escritórios, cozinhas salas de aula, varandas academias, dormitórios sala dos psicólogos, e por aí começou toda a transformação e um ressignificado para nossas vidas e nossas coisas.

Passamos a valorizar o que temos e reorganizar o funcionamento de tudo. Não era possível ir a um restaurante, viajar, treinar, tomar um café na esquina, aprendemos a fazer mais coisas e a usar o virtual como ferramenta de espaço e lazer.

No âmbito cultural, as redes explodiram e tivemos acesso à Museus, exposições, palestras a qualquer hora do dia. Uma nova modalidade de ter sua obra de arte surgiu com os NFTs (uma sigla para non-fungible token) ou token não-fungível. De forma simplificada, é um código de computador que serve como autenticação de um arquivo – a garantia de que ele é único. Com isso teremos nossas obras de arte digitais, acessíveis pelos ambientes no metaverso, mas isso é assunto para outro artigo.

Ainda vivemos o momento onde ver as pessoas, o que fazem, o que gostam e seu estilo de vida pelas redes sociais é mais interessante, próprio do ser humano ver a grama do jardim do vizinho. A foto de paisagem é interessante, mas a vida das pessoas muito mais, saber se estão na praia, em um restaurante descolado, em uma viagem, ou apenas mostrando sua família. Saber da vida das pessoas ainda é mais interessante para a maioria das pessoas – por isso os influenciadores fazem sucesso. Por outro lado, mostrar um lugar bem vivido e cheio de histórias, como uma sala de estar, um escritório sem a tecnologia atual, são imagens de espaços que funcionam como antídoto contra as incertezas dos tempos atuais mostram o particular de cada um. O que aconteceu ou acontece ali? Esse é o momento que vivemos.

Como diz Livia Pedreira, presidente do conselho curador de CASACOR, “múltipla, plural, diversa, a casa está no centro das profundas transformações destes tempos extraordinários. Torna-se híbrida, flexível, permeável aos infinitos e novos jeitos de morar. Rompe a impessoalidade tecnológica. Se traduz em um santuário do autocuidado, do bem-estar físico. Promove o equilíbrio emocional e espiritual. Ela é agora um espaço biográfico, indiferente a imposição dos estilos. A casa segue o movimento e expande-se em um universo singular, intransferível”.

O ser humano descobriu que é capaz de se adaptar a um novo estilo de vida rapidamente quando a sobrevivência está em jogo. Assim, deixo o meu convite a você a descobrir, observar, curtir e aproveitar cada momento do seu “INFINITO PARTICULAR”.

Maurício Siqueira

Yanina Brosky
info@givoa.com.ar



Yanina Brosky é Bacharel em peritagem de obras de arte pela Universidad del Museo Social Argentino, especialista em joalheria e gemologia. Perito judicial e avaliadora de arte e joias. É membro da Givoa Argentina. Especialistas em gemologia, numismática, joias, e móveis.

Joalheria no Estilo Art Nouveau

Em tempos em que a sustentabilidade e a necessidade de se encontrar com a natureza estão sendo discutidas, é interessante lembrar que há mais de cem anos a discussão nas artes tinha algo semelhante em seu contexto. A luta contra a imposição da máquina e a dependência da tecnologia levaram os movimentos de artistas a buscar um retorno às formas naturais. A Art Nouveau atravessou todas as disciplinas artísticas da época, em sua forma mais majestosa teve impacto na arquitetura, o Rio de Janeiro no início dos anos 1900 foi considerado a capital do estilo na América Latina, algumas décadas depois foi a cidade de Buenos Aires que tomou essa posição.

O estilo Art Nouveau surgiu por volta de 1890 na França, mas depois se espalhou para outras regiões, como Itália, Espanha, Áustria, Bélgica e outros países europeus (que a chamavam por nomes diferentes). Na Inglaterra, no entanto, teve pouco impacto. Com o início da Primeira Guerra Mundial em 1914, o desenvolvimento da Art Nouveau entrou em declínio. No entanto, até hoje ainda é um dos estilos mais reconhecidos e populares.

Com a criação deste estilo, a intenção era criar uma nova arte, uma nova estética desligada das formas europeias herdadas do passado, daí seu nome original em francês.

A característica mais marcante do Art Nouveau foi o uso de linhas sinuosas assimétricas baseadas em formas vegetais. A inspiração da natureza e das formas orgânicas foi fundamental. As formas deste estilo eram arredondadas, orgânicas e geralmente entrelaçadas.

Este estilo também mostrou uma tendência à estilização dos motivos, com menor frequência de representação estritamente realista dos motivos e uma forte orientação para o uso de imagens femininas, que eram mostradas em poses delicadas e elegantes, com uso generoso de ondas nos cabelos e dobras nas peças de vestuário.

Nos últimos anos do século XIX, os críticos foram unânimes em atribuir o início da revolução na arte ao estudo renovado das plantas e sua aplicação em desenhos decorativos de meados do século.

Os artistas da época, que trabalhavam manualmente e reivindicavam o valor do artesanato, foram capazes de encontrar em referências naturais a diferença desejada em relação às máquinas e ao progresso tecnológico. Assim, os motivos inspirados pela natureza lhes permitiram reavaliar suas habilidades e abordar o sentimento de mobilidade que simbolizava a vida, com as sugestivas linhas que sugeriam mudança e crescimento.

Não foram apenas a flora e a fauna terrestres que inspiraram os motivos dos desenhos. Os contornos das plantas marinhas e das criaturas que espreitavam misteriosamente no fundo do oceano também cativaram os artistas com suas linhas dinâmicas que balançavam contínua e ritmicamente com os movimentos da água. Assim, a natureza e suas associações com a feminilidade e a fertilidade são os temas dominantes da joalheria Art Nouveau, embora com uma mudança significativa da imitação rígida para uma interpretação vívida. Pois, tais temas foram interpretados de uma maneira fantasiosa.

A estética de um desenho de jóias foi considerada mais importante do que o valor intrínseco dos materiais. Assim, a atitude Art Nouveau sugeriu que o brilho de um diamante por si só não era suficiente para fazer uma obra de arte; um bom design e técnica também eram necessários. Deixando de lado a importância do diamante em si, as jóias Art Nouveau concentraram-se no que seu brilho produziu como um todo, desempenhando um papel complementar em combinação com materiais como vidro, marfim, chifre de animal e uma série de pedras. Assim, houve um grande uso de uma variedade de materiais baratos. Embora o uso de pedras preciosas e materiais nobres não tenha sido abandonado.

Engastes invisíveis também foram utilizados a fim de ocultar a técnica de construção, para não distrair o observador do desenho. A ênfase do desenhista como artista motivou o uso de belas técnicas de esmaltação, como cloisonné (no qual o fio de ouro forma divisórias nas quais o esmalte é vertido), champlevé (no qual o esmalte preenche os vazios de trabalho aberto no metal de fundo), basse-taille (no qual um desenho gravado no metal é coberto com um esmalte transparente enquanto ainda é visível através dele), e pliqué-a-jour (no qual o metal base é removido do esmalte translúcido após a queima, resultando em um efeito manchado de vidro).

Os joalheiros também encontraram inspiração na arte japonesa, demonstrando especial interesse nas habilidades japonesas no trabalho e fundição de metais, encontrando novos temas e ornamentos.



Ouro, diamantes e esmalte. René Lalique.



Broche de Henri Vever. Ouro, diamantes, pérola, marfim e esmalte pliqué-a-jour

Os motivos ornamentais mais comuns usados na joalheria Art Nouveau foram:

- formas curvas assimétricas e linhas inspiradas no reino vegetal e animal. Formas com uma tendência naturalista.
- Insetos e outros tipos de animais. Por exemplo, borboletas, libélulas, vespas, pavões, cobras e dragões.
- Flores e legumes.
- Figuras femininas com cabelos longos e curvas proeminentes.
- Figuras de fantasia (metade animal, metade mulher; ou metade mulher, metade vegetal). Exemplo: mulher-flor, mulher-libélula, nereida (ninfa do mar), sereia.
- Asas dando uma sensação de movimento.

Os materiais mais comuns usados na joalheria Art Nouveau foram:

- Pedras semipreciosas diversas e variadas, às vezes combinadas com pedras preciosas. Pouco uso de diamantes (em sua maioria pedras coloridas). Muito uso de lapidação de cabochon.
- Pérolas e madrepérola.
- Vários outros materiais do reino animal, tais como osso e marfim.
- Diferentes tipos de esmaltes (translúcidos e/ou que dão muitos contrastes de cor). De preferência, uma gama de cores azul, verde e pastel.
- Ouro, platina, alumínio, ferro, cobre e prata.
- Ouro FIX.

Yanina Brosky

Etrusco

etruscojr@hotmail.com



Arnaldo Etrusco é jornalista e designer industrial. Trabalhou em diversos veículos de comunicação e organizou eventos, desde os ligados ao entretenimento e cultura pop até inovação e tecnologia. Hoje, atua como curador e sócio do NAP Studio, onde, também procura “novos talentos” e dá direcionamento criativo aos artistas ligados ao estúdio.

Arte e Algoritmos

Luzes e movimentos

Minha paixão pela arte gráfica começou na infância, por volta dos 5 ou 6 anos. Não só pelo prazer que tinha em usar giz de cera e lápis de cor para desenhar o que via à minha volta, mas, principalmente, pelas reproduções que via em capas de revistas, livros, discos e, principalmente nos cartazes de filmes, nas entradas dos cinemas. Aquelas imagens me levavam a outros mundos, me conduzindo a histórias que, só após consumir os produtos onde eram expostas, eu saberia ao certo sobre o que tratavam. Era muito comum ver, por exemplo, uma capa de álbum da banda Yes e, claro, sem entender a língua inglesa, escutar a música e acabar misturando o som (na minha cabeça) com aquelas paisagens oníricas e alienígenas. No fim, eu mesmo construía uma “história”.

Com o passar do tempo, minha coleção de vinis cresceu exponencialmente, principalmente pelas ilustrações que traziam, em épocas sem internet, às vezes eu demorava, literalmente, anos para descobrir quem era aquele ilustrador ou fotógrafo que havia me encantado. Isso, analisando nos dias de hoje, me trouxe benefícios no que chamo de “portfólio sensorial”. Descobri novas sonoridades, novos escritores, novas formas de se fazer arte gráfica.

Na década de 80, comecei a reparar que as capas dos meus “tesouros” estavam passando por mudanças. Cores mais vivas, noções de profundidade, luzes e sobras pareciam mais “reais”. Foi num momento da minha vida em que eu comecei a mergulhar na pintura a ósseo. Eu ficava ávido pra reproduzir aqueles efeitos.

Claro que o que eu fazia não chegava perto do que eu via nas ilustrações comerciais. Descobri (lembrem-se, não tinha internet) que muito daquela arte era finalizada com o uso de computadores. Bingo, eu precisava arrumar um computador!

Pintei um casario e ofereci para um tio que sempre me motivava nas artes. Quando perguntou quanto era, não titubiei, falei o preço de um computador. Finalmente havia conseguido aquele novo instrumento de “trabalho”. Estudei um pouco de programação e meti a mão na massa. Claro que não fazia imagens lindas e “reais”, mas ficava fascinado com as figuras geométricas e seus movimentos na tela de, na época, a televisão de tubo da sala da casa dos meus pais.

Já na década de 90, um programa que passava na TV Cultura fazia o papel dos “tutoriais de arte” tão comuns, hoje em dia. Se chamava À Mão Livre, e era apresentado pelo artista plástico Philip Hallawell. O programa demonstrava conceitos como luz e sombra, espaços negativos, proporções, perspectiva e composição, além de apresentar técnicas, como pastel seco, grafite e outras. Em 1996, passeando por uma livraria, encontrei a versão em livro do que era apresentado no programa. No volume 2 de À Mão Livre (Ed. Melhoramentos), nas últimas páginas, esse volume mostrava imagens de materiais e, entre elas, estava um Workstation de Arte Digital. Lá estava um computador, um scanner e uma impressora. Pronto, foi o incentivo que eu precisava para cursar Desenho Industrial na Universidade de Brasília.

Zeros e Uns

Desde a década de 90, de uma forma ou de outra, trabalho com arte digital, seja produzindo, avaliando ou dirigindo artistas. Com o avanço da tecnologia, vi artistas utilizando os computadores para complementar seus trabalhos e, em muitas vezes, migrando das técnicas tradicionais para a arte totalmente produzida digitalmente.

Hoje em dia, é praticamente impossível encontrar um artista que não use algum programa em seus trabalhos, nem que seja para retocar uma iluminação ao fazer um portfólio. E nessa “pegada” digital é que um tipo de arte tem chamado muita atenção: a arte generativa (ou arte algorítmica).

Mas se engana quem pensa que isso é fruto do novo século. Já na década de 60, artistas como Harold Cohen já utilizava robôs para “produzir” arte. Programando mecanismos para reproduzirem movimentos com pincéis (ou outros materiais), artistas deram o pontapé para uma arte onde tinham ideia do resultado final, mas conseguiam controlar exatamente como seria a obra finalizada. Se iniciava o conceito de Arte Generativa.

Resumindo, pode-se chamar de Arte Generativa uma arte produzida digitalmente onde, com o uso de códigos de programação, o resultado final não pode ser previsto em sua totalidade. Por mais que o artista utilize técnicas “tradicionais” de desenho ou pintura, ao introduzir uma programação para mudar algo (pode ser uma cor, uma forma, um movimento), o resultado gera uma relativa “surpresa”. Isso possibilita aos entusiastas (artistas e colecionadores) uma emoção a mais enquanto ficam na expectativa do resultado. Também, por não haver “previsibilidade do resultado”, a Arte Generativa produz obras exclusivas.

Como produzir Arte Generativa

Mas, para se produzir Arte Generativa, preciso saber programação? Não necessariamente. Você precisa ser fotógrafo para reproduzir um quadro e colocá-lo em uma apresentação? Não, mas se tiver noções de como a fotografia “funciona” pode “dirigir” o trabalho do fotógrafo durante a captação da imagem, sugerindo a iluminação, a saturação das cores na foto, etc.

Como estamos falando estritamente de arte digital (mesmo se for digitalizada), empresas de softwares também abraçaram essa capacidade criativa. É fácil achar, nas mais diversas plataformas, aplicativos que, para quem quer entrar nesse mundo, possa começar a produzir. E não são difíceis de usar. O extinto Flash, da Adobe, fazia isso. Uma breve pesquisa na internet, por “programas de arte generativa”, mostrará a infinidade de ferramentas para isso.

Assim, chegamos em um mercado relativamente novo, o de NFTs. Por ser de origem digital, esse mercado se mostrou a “casa ideal” para a comercialização de Arte Generativa. A quantidade de colecionadores entusiastas em Arte Generativa é enorme. E esses entusiastas encontram em muitos marketplaces de NFT seu “parque de diversões”, conhecendo novos artistas e podendo acompanhar artistas já considerados de renome nessa técnica. É um mundo novo que se abriu, possibilitando exclusividade, criatividade e, até, ludicidade e frescor ao mundo da arte contemporânea.

Abra sua mente e pesquise por Arte Generativa. Você vai se surpreender com esse movimento e, quem sabe, até ter novas inspirações!

Ah, continuo consumindo arte “comercial”. Minha coleção de discos em vinil, pôsteres de cinema e livros está em constante crescimento, na maioria das vezes impulsionada pelas belas ilustrações das capas. Espero ansioso pelo aparecimento de um livro com uma ilustração de capa com Arte Generativa! Alguém se habilita?

Arnaldo Etrusco

Maddalena Forenza
info@studiomoretticaselli.it



Maddalena Forenza é a quinta geração no trabalho que vem sendo feito há mais de cento e cinquenta anos pelo Studio Moretti Caselli. Ela é formada na Academia de Belas Artes de Perugia e restauração de vitrais na oficina de Laura Morandotti de Milão.

5 Gerações na Tradição dos Vitrais

Sabendo do tema da Revista Artrilha 5 e que faltava alguém com background sólido na área da arte em vidro, o nome de Maddalena Forenza surgiu ao assistir um documentário internacional falando da tradicional arte que sua família realiza. Entre dados técnicos e imagens dos vitrais, eu fiquei emocionada com a história dessa mulher e artista que cuida com afincos e se dedica à uma arte que hoje parece ter perdido o interesse do grande público.

Com um contato realizado pelo Instagram, logo Maddalena me respondeu afirmativamente ao pedido de entrevista, deixando claro que escreveria em italiano. Ao envio das perguntas, respondeu em um texto único que eu realoquei tematicamente para melhor compreensão da abordagem ao tema.

Foi uma honra ter estado em contato com tão importante artista do cenário internacional e uma enorme oportunidade para os leitores da revista a de conhecer a história de vida e da arte em vidro realizada por uma das maiores especialistas da área no mundo,

Atualmente Maddalena executa e restaura vitrais: é uma produção única porque usa os métodos de pintura redescobertos, estudados e revistos por Francesco Moretti, mas também se adaptou ao gosto de hoje e também se dedica a novas criações com diferentes técnicas. Os métodos antigos ganham vida e são atualizados na execução de uma ampla gama de trabalhos, desde grandes vitrais a pequenos ornamentos.

Apresentação

Meu nome é Maddalena Forenza, nasci em Perugia em uma oficina de arte, onde, por cinco gerações, meus ancestrais fizeram vitrais artísticos. Anna Matilde Falsettini, minha mãe, me ensinou esse ofício. Tive várias experiências na Academia de Belas Artes de Perugia e em uma oficina de vitrais em Milão. Depois de interromper a atividade por vários motivos em 2019, hoje retomei com visitas guiadas e cursos para ensinar esta arte no nosso museu-laboratório.

Técnica

As técnicas que utilizo são a Tiffany, encadernação de chumbo e pintura de linha sobre vidro.

Minha intenção, como quinta geração de mestres vidreiros da família, era passar as técnicas de Francesco Moretti e sempre procurei combinar a arte do passado com a moderna, buscando um público interessado nisso.

O vidro, antes e na atualidade

Para mim, o vidro tem um potencial infinito que deve ser descoberto trabalhando-o.

Neste momento trágico, porém, só posso pensar que o vitral teve e terá um revés, já que é um produto artístico artesanal, por isso os materiais são numerosos, valiosos e difíceis de encontrar.

Acho que na Itália sempre foi mais complexo decorar as casas porque o conceito de vidro chumbado está mais associado a igrejas.

Francesco Moretti, tio do bisavô de minha mãe, tentou criar vitrais como pinturas a óleo com o uso da pintura de linha renascentista, considerando o vidro como tela, pensando em dar maior valor ao vitral artístico e tentando também dedicar-se a outros ambientes que não os religiosos.

Toda a minha família continuou esta tradição mas os prazos de entrega são longos e caros por isso com o tempo tornou-se cada vez mais difícil continuar, há pouco mercado e não acho que as perspectivas futuras sejam positivas, na verdade decidi fechar o negócio .

Inspirações

Pelo que tenho feito na minha vida profissional, os nomes dos artistas que me inspiraram, pouco conhecidos mas a serem valorizados, são os dos meus antepassados: Francesco Moretti, Lodovico Caselli, Rosa e Cecilia Caselli e Anna Matilde Falsettini.

As principais técnicas que utilizam o vidro são o vidro com chumbo, o vidro Tiffany, o vidro soprado, o vidro dalles e a fusão de vidro.

Na minha opinião, a fusão de vidro, uma técnica que nunca fiz, tomou conta ao longo dos anos. Eu queria estudar fusão, mas ainda não encontrei tempo para isso!

Há muitos anos, conheci um famoso escultor de vidro americano Dale Chihuly, a quem sempre apreciei e admirei.

Andrea C. Krause

andrea_ck@terra.com.br



Andréa integra o grupo de artistas “Artrilha”, e como participante assídua foi uma das vencedoras do Prêmio “Quero tudo com Artrilha”. Se diz agradecida e honrada por criar a capa da 1ª Edição da Revista Artrilha, cuja inspiração foi reproduzir as mãos de tantos artista talentosos, que juntos trilham os caminhos no mundo das Artes. Para homenagear essa 5ª Edição ela criou um Remake da 1ª Edição.

Andrea C. Krause

No mundo atual, vivemos numa intensa contaminação visual de imagens, principalmente no território das artes visuais altamente explorado, onde não é nada fácil acrescentar algo de novo. Entretanto, de tempos em tempos, surgem instigantes revelações como é o caso da artista plástica Andréa C. Krause.

Falar de uma artista tão completa e criativa é muito prazeroso, mas também um tanto desafiador, já que a sua técnica caracteriza-se por uma interface entre a imagem real e o tecnológico.

Andréa C. Krause é uma designer, artista digital e autodidata, residente em São Paulo. Formou-se na Faculdade Armando Álvares Penteado (FAAP), possuindo mestrado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Dedica-se à técnica de arte digital e à pintura sobre tela desde 2015. Através do registro fotográfico, inspira-se na criação de fotografias manipuladas digitalmente para o mercado de Fine Art. Ela também é uma pesquisadora da Cor, tem um olhar para linhas, texturas, geometrias e manipulação de imagens, para o trabalho artístico e para criação de revestimentos.

Andréa tem sempre um olhar voltado à observação e procura compreender o entorno, as superfícies, as formas e as pessoas.

Conectada à coletivos de artistas com foco em temas de preservação ambiental, ela destaca a sua participação na exposição “Num olhar através da Natureza” realizada na Inn Gallery Arte & Design (2019). As suas mais recentes exposições internacionais no exterior foram: a “Stroke Art Fair” em Munique na Alemanha (2021), “Arte Fronterizo” em Madri na Espanha (2021), e a “Internacional Women’s Day”, exposição virtual nos EUA (2022).

A busca do desenho é a sintetização de formas guardadas na sua memória e nos seus registros fotográficos, mostrando sempre a preocupação de expressar o seu momento da ação de pintar ou desenhar com o recurso digital, criando sobreposições de planos, deformações e falsas perspectivas.

Seus trabalhos foram desenvolvidos gradativamente por várias fases. A sua obra mostra a leveza, e ao mesmo tempo a força das suas manifestações artísticas, que se revelam num processo criativo incorporando o múltiplo, o heterogêneo em todas as suas produções.

E é essa profusão de técnicas e cores que faz com que suas obras sejam sedutoras, chamando a atenção do observador.

O seu ineditismo a coloca dentro de um grupo seletivo de artistas que procuram a constante liberdade de criação, no atual mundo pictórico.

Carmem Pousada

cpousada@inngallery.com.br

Formada em Filosofia, Ciência e Letras pela PUC de São Paulo, Carmem é proprietária da Inn Gallery.



Remake da capa da Revista Artrilha 1ª edição



Arte digital da capa da Revista Artrilha 1ª edição

ÍNDICE DE ARTISTAS

ABBUL ASSAF	20
ANA PAULA JARDINE	24
ANTONIO CAVALCANTE	28
CÉLIO SEIXAS	32
CERES CARNIO	36
CIDA FIGUEIRA	40
CRIS PIRES	44
DIANE DUMAS	48
DIOGUM	52
IRACEMA DALL'GNOL	56
JBITTAR	60
JU BARROS	64
JÚLIO CÉSAR BARBORA	68
LEILA COSTA QUAGLIO	72
LU RODRIGUES	76
LUCIGNAM GUIMARÃES	80
LUIZ CAMPOY	84
LUIZ QUEIROZ	88
MARCELO LOPES	92
MÁRIA AMÉLIA FONSECA	96

MARIA AMÉLIA VIANNA	100
MARLETE IRANI BORBA	104
MAURIZIO CATALUCCI	108
MONICA MENDES	112
MONY BRESS	116
NILIA VIEIRA	120
PATYLENE	124
R. F. BONGARTEN	128
RAYMOND DE SÁ	132
REGINA SGANZERLA	136
RENATA IUDICIBUS	140
RICO PACE	144
ROBERVAL SILVA	148
RODRIGO SILVA	152
SICAVALCANTI	156
SIMONE CEIA	160
TICIANA PARADA	164
URUBU ARTS	168
VERA REICHERT	172
YLMA OHARA	176

ABDUL ASSAF

bidu_assaf@yahoo.com.br

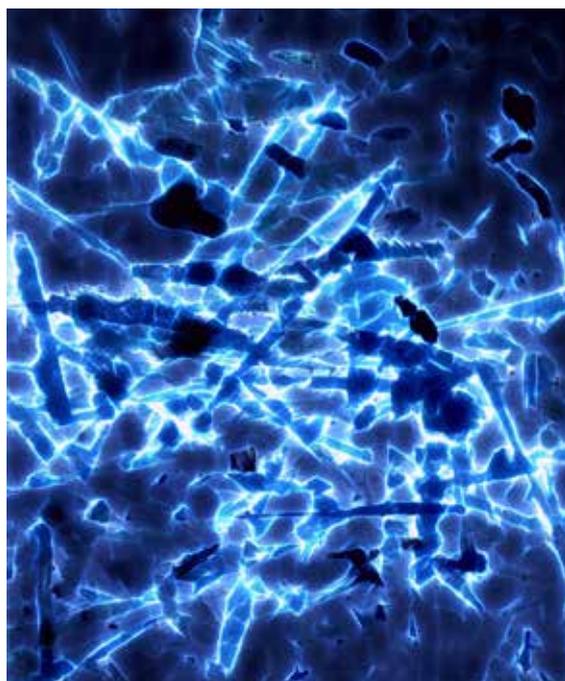


Abdul Assaf, nascido na cidade de Paranaguá, Litoral do Estado do Paraná é professor/educador diferenciado, poeta e escritor de profissão, mas artista plástico de coração. Um amante das artes atuante neste universo há mais de 27 anos com um extenso currículo artístico e literário e uma vida inspiradora tendo já participado de mais 28 exposições artística em sua terra natal com obras que despertam sua atenção pela sua expressividade.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Trabalhar com a luz demanda uma progressiva pesquisa não apenas da técnica, mas principalmente das próprias percepções de mundo. É preciso estar atento ao que se deseja dizer e como isso pode ganhar formas. Trabalhar com intensidades distintas de cor exige conceber a arte como um mistério, instaurando atmosferas em que as sugestões geralmente são a melhor maneira de comunicar com intensidade um estado de espírito e um olhar particular para o mundo que se amplia pelas capacidades interpretativas do observador.



Abdul Assaf | Spectrus | Arte digital | 2021



Abdul Assaf | O Homem em Sua Essência | Arte digital | 90x60 cm | 2021



Abdul Assaf | Essência e Delicadez | Arte digital | 90x70 cm | 2021

ANA PAULA JARDINE

anapaulajardine@gmail.com



Formada pela Universidade Federal do RS em Artes bacharelado em cerâmica desde 2001. Trabalhou durante 6 anos com projetos culturais dentro de programas do Sebrae/RS, desenvolvendo produtos artesanais junto a comunidades locais. Veio para SP em 2004 e retomou a cerâmica dando aulas, ministrando workshops e participando de exposições e salões de arte. Desenvolveu uma linha de cerâmica utilitária e criou a marca “JoAna de Barro” com produtos comerciais. Em 2021 fez uma exposição de arte individual com obras inéditas na Galeria Malu Serra na cidade de São Paulo.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Instaurar um movimento orgânico na própria pintura significa instaurar uma maneira de se relacionar com a arte caracterizada pelo gesto. O assunto a ser desenvolvido em termos da visualidade proposta é menos importante do que a forma como isso se dá. É nas relações internas da composição, da forma e da cor que são estabelecidas relações entre os seres humanos e a natureza. O caminho a ser seguido varia e decorre das seleções feitas para a apresentação de uma poética significativa e diferenciada.



Ana Paula Jardine | Sombras da Alma | Cerâmica | 22x15 cm | 2020



Ana Paula Jardine | Jardim de Brumas | Cerâmica | 38x140 cm | 2022



Ana Paula Jardine | Jardim de Brumas | Cerâmica | 38x140 cm | 2022

ANTONIO CAVALCANTE

antonio.vcavalcante@hotmail.com



Antonio Cavalcante é artista e cientista político, Doutorando e Mestre pela USP com Graduação em Letras pela UNESP e University of Georgia. Integra também o Coletivo da Casa Galeria em São Paulo - SP. "A obra visual de Antonio Cavalcante parece se alimentar desses mitos fundantes na capacidade de instaurar uma atmosfera misteriosa. Assim, o impacto visual é obtido pela progressiva aproximação entre o pensar acurado e o fazer técnico aprimorado." - Oscar D'Ambrosio, Crítico de Arte.

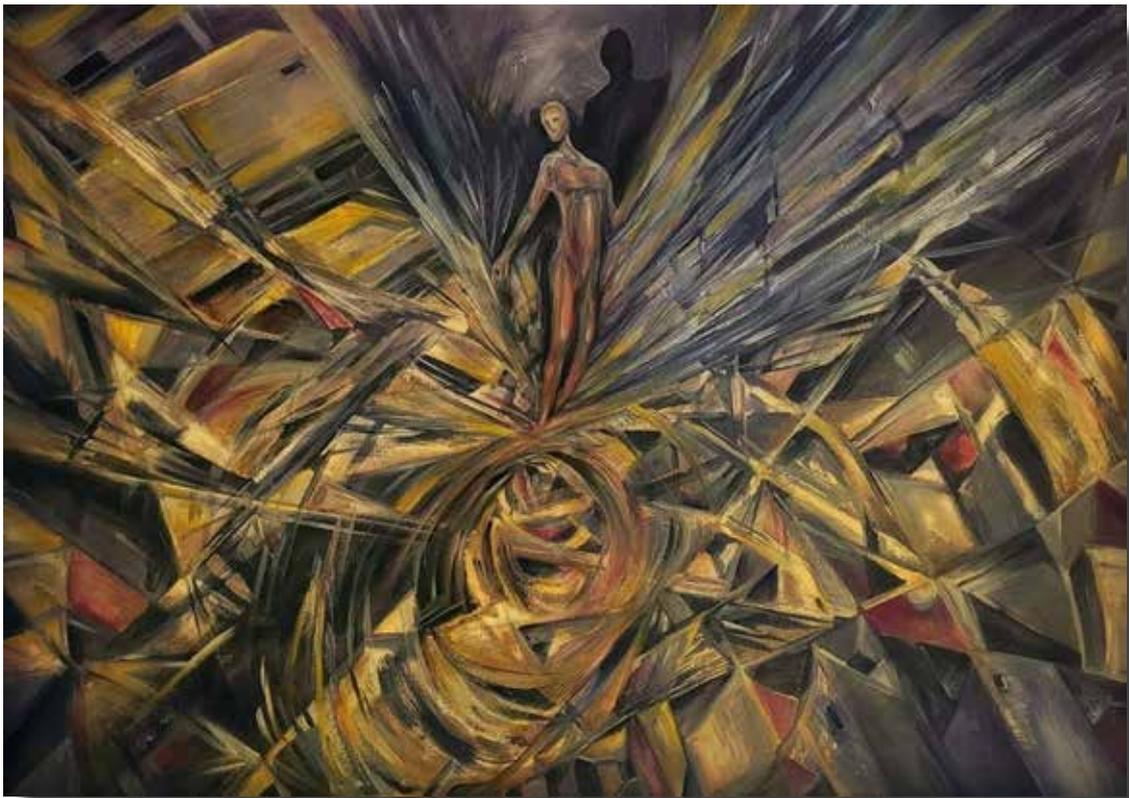


CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Entender a arte como um universo simbólico permite um criar narrativas em que aquilo que se vê ganha novas dimensões e camadas. Quando os sentidos vão progressivamente se somando, entramos para um campo mais amplo e complexo, o das alegorias. O pintar ganha então assim um aspecto mais amplo, que envolve arquétipos. As tonalidades geralmente reduzidas, por exemplo, ampliam as veredas o que as imagens oferecem, aumentam densidades e remetem a complexas e sutis visões da aparente realidade.



Antonio Cavalcante | Auto-Profecia | Óleo sobre tela | 60x100 cm | 2022



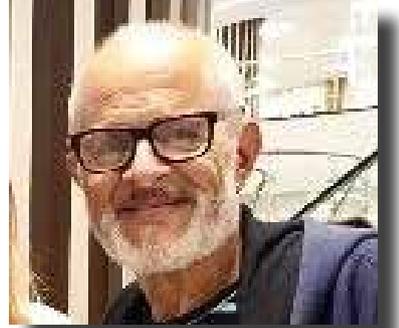
Antonio Cavalcante | Metr6pole | 6leo sobre tela | 70x100 cm | 2022



Antonio Cavalcante | Pandora | Óleo sobre tela | 35x35 cm | 2022

CÉLIO SEIXAS

celioseixasterraboa@hotmail.com

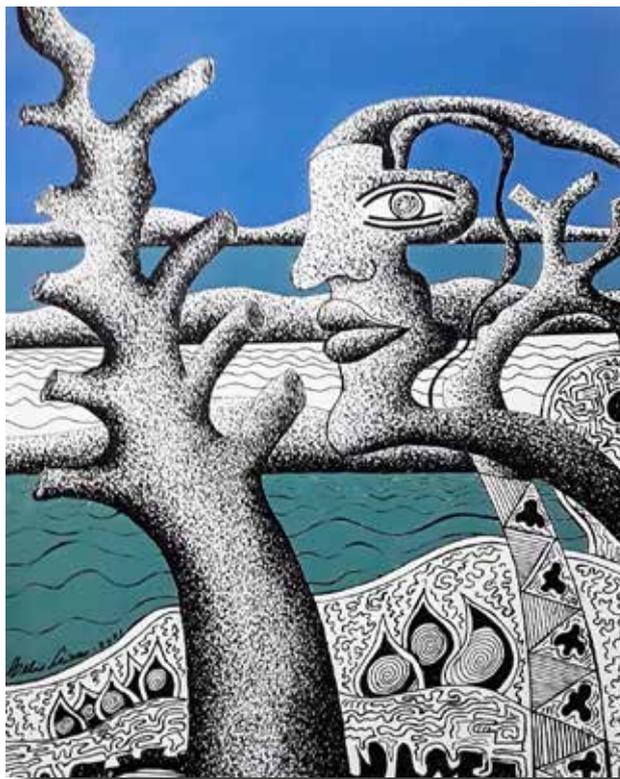


Célio Seixas nasceu no Rio de Janeiro em 27/01/1954, teve uma infância rica no contato com a natureza. Artista autodidata teve em seu pai a sua principal influência. Seu primeiro passo na carreira foi a exposição individual na Galeria de Artes da Casa Cruz, ano 1978 em Campo Grande - RJ. A partir daí, participou de várias exposições, assim como diversas premiações, atualmente expõe na Galeria Espaço BB. Shopping Cassino Atlântico (RJ) e participa do Movimento Artilha.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Pintar é instaurar mistérios. A frase é importante quando se está perante pinturas que trazem, em si mesmas, uma somatória de simbologias. As linhas curvas, por exemplo, indicam as possibilidades de transformação. Não se trata apenas de pensar nos objetos reais e reconhecíveis, mas nas consequências fantasiosas e criativas que as curvas permitem como caminhos do ato criativo. O desafio permanente da arte, nesse aspecto, não está no responder indagações, mas no ampliar as indagações.



Célio Seixas | Reconstruindo | Acrílica e nanquim | 42x29,7 cm | 2021



Célio Seixas | Paz | Pintura | 80x100 cm | 2022



Célio Seixas | Despertar | Acrílica e nanquim | 42x29,7 cm | 2022

CERES CARNIO

cerescarnio@gmail.com



Ceres Carnio de Curitiba - PR, artista plástica, apaixonada por arte desde criança, passou a maior parte da minha vida inserida em uma área mais técnica, porém após um acontecimento pessoal, que a fez rever suas escolhas, decidiu dedicar mais tempo a arte, que passou a ter um papel essencial e regenerador na vida dela. Licenciada em arte passou a vivenciar a realidade do contato da arte com jovens e adolescentes nas escolas, e assim se interessar por compreender essa dimensão da arte como um sistema para autoconhecimento humano. Busca pelo aperfeiçoamento em técnicas, e cada hora dedicadas à pintura realista tem sido trabalhosa, porém curativa.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

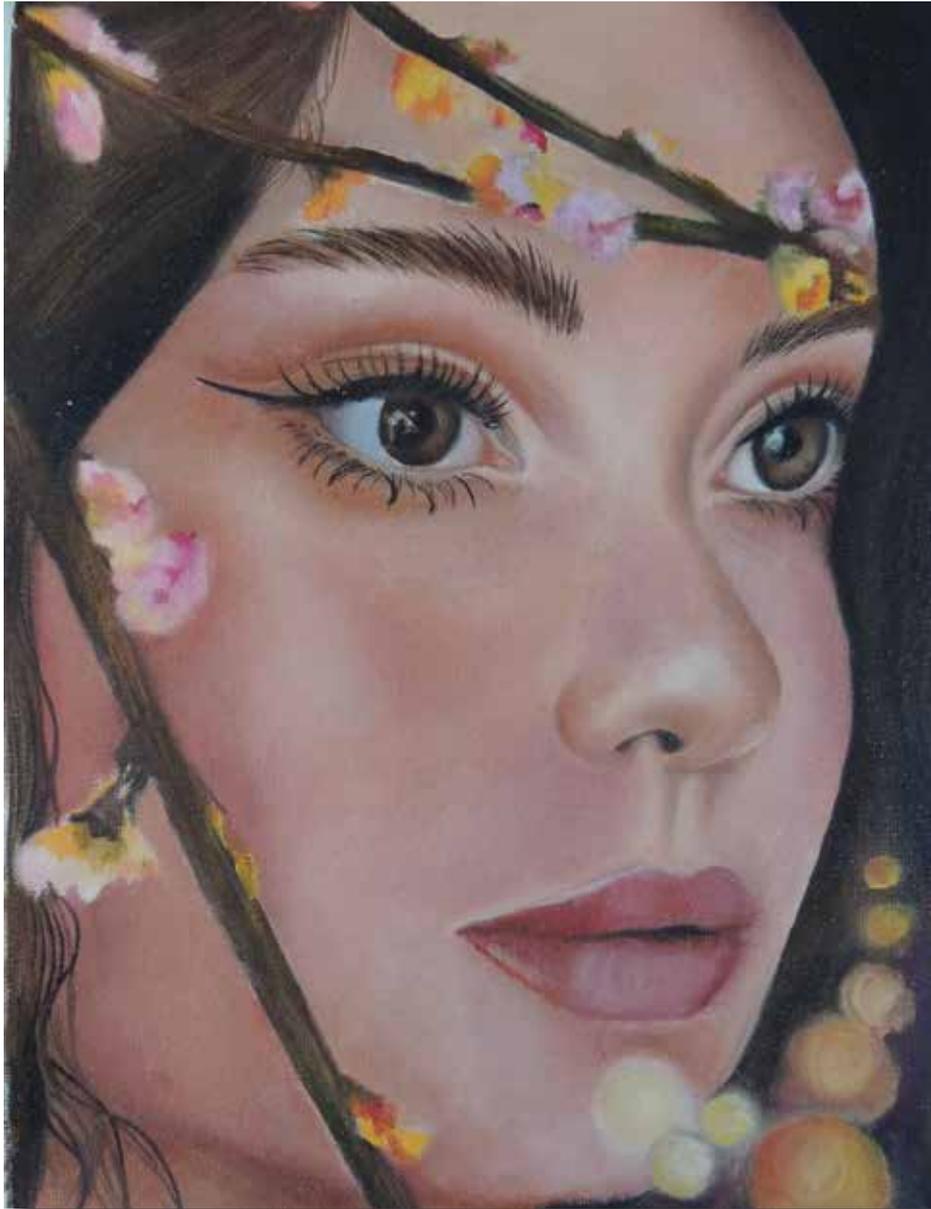
A maneira de lidar com as cores é um exercício permanente entre as potencialidades visuais de trabalhar os caminhos entre o sagrado e o profano. Há uma busca pela divindade no sentido de uma procura pela melhoria de si mesmo que pode levar a uma percepção visual mais plena do mundo. Quando isso ocorre, a arte se liberta do cotidiano e mergulha no universal, dimensão em que a liberdade impera como expressão de um executar artístico em que as ferramentas são colocadas a serviço de um requintado pensar e viver a arte.



Ceres Carnio | Deusa Sophia | Óleo sobre tela | 60x80 cm | 2021



Ceres Carnio | Impossível Silenciar | Óleo sobre tela | 50x60 cm | 2022



Ceres Carnio | Flores de Outono | Óleo sobre tela | 60x80 cm | 2021

CIDA FIGUEIRA

cidafigueira96@gmail.com



Maria Aparecida Figueira dos Santos, cujo nome artístico é Cida Figueira, é uma artista plástica de Tramandaí, litoral norte do Rio Grande do Sul. Autodidata, a artista procura extrair da natureza os temas para suas pinturas. Sua poética está fortemente vinculada ao fazer artístico, e por isso sua arte é voltada para si mesma, a arte pela arte. Sem se preocupar com a expressão da realidade, Cida percorre a tela com tintas e cores, procurando retratar, não o mundo a sua volta, mas a vida que ela gostaria de construir. Suas paisagens são uma reflexão ao mundo interior e a um mundo melhor, seja ela imaginário ou surreal.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Os movimentos que existem na verticalidade são um parâmetro da arte. Os elos entre o mundo profano horizontal e as possibilidades de ascensão criam possibilidades plásticas muito variadas. As tonalidades das cores contribuem decisivamente nesse processo. O verde, por exemplo, traz não apenas alusões à natureza, mas também constitui uma maneira de aludir aos olhos da esperança guardados na caixinha de Pandora, que continuam para motivar os seres humanos em sua caminhada artística e existencial.



Cida Figueira | Natureza Selvagem | Técnica mista | 60x70 cm | 2022



Cida Figueira | Estações | Técnica mista | 40x60 cm | 2022



Cida Figueira | Movimento | Técnica mista | 40x70 cm | 2022

CRIS PIRES FURTADO

crispiresfurtadoart@gmail.com



Artista plástica goiana, radicada em Brasília, se interessou por artes desde a infância. Por influência de seu pai tornou-se advogada, mas sua alma de artista seguia pulsante. Provocar sensações de alegria e levar o amor de Atua com um mix de cores vivas, alegres e vibrantes, com explosões de cores, misturando referências, texturas e técnicas para imprimir um estilo próprio em suas diferentes facetas, por meio de técnica de pintura acrílica, mista e aplicação de folha de ouro, prata e cobre; com estilo abstrato, abstracionismo geométrico e figurativo abstrato. Participou de diversas exposições individuais e coletivas, tanto nacionais quanto internacionais. Como pessoa de muita fé, dedica toda honra e glória a Deus e a Jesus Cristo, pelo dom que lhe concedera e por proporcionar às pessoas bons sentimentos.

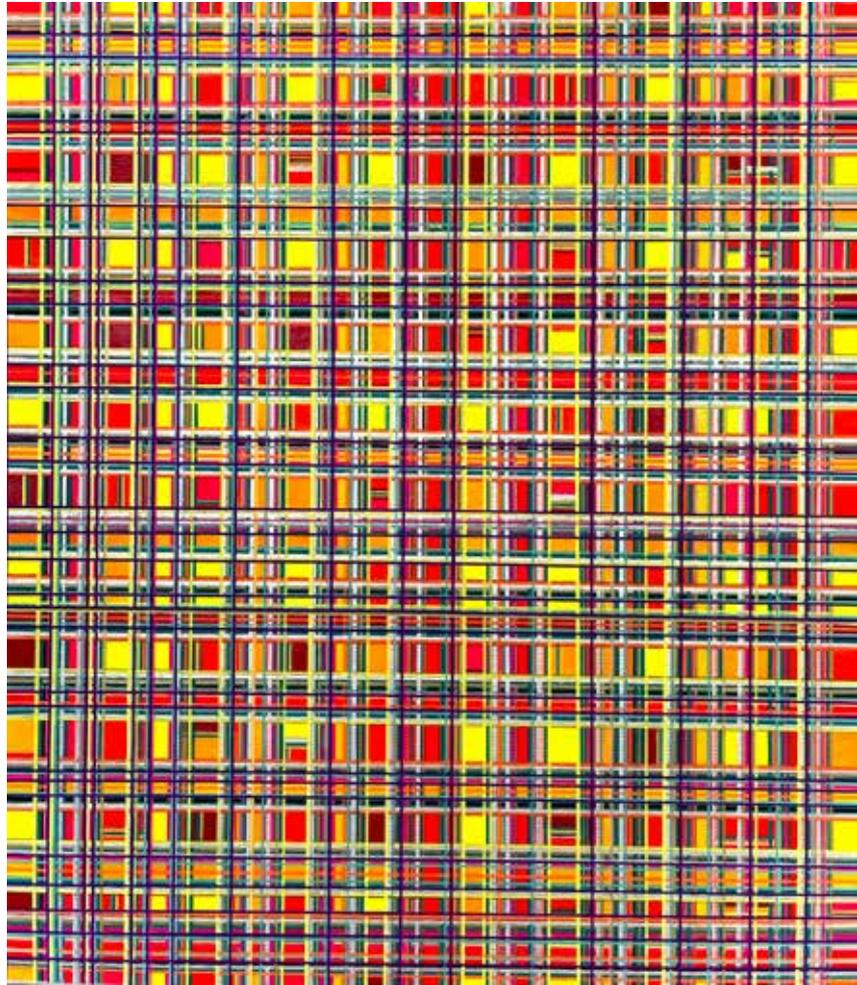


CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

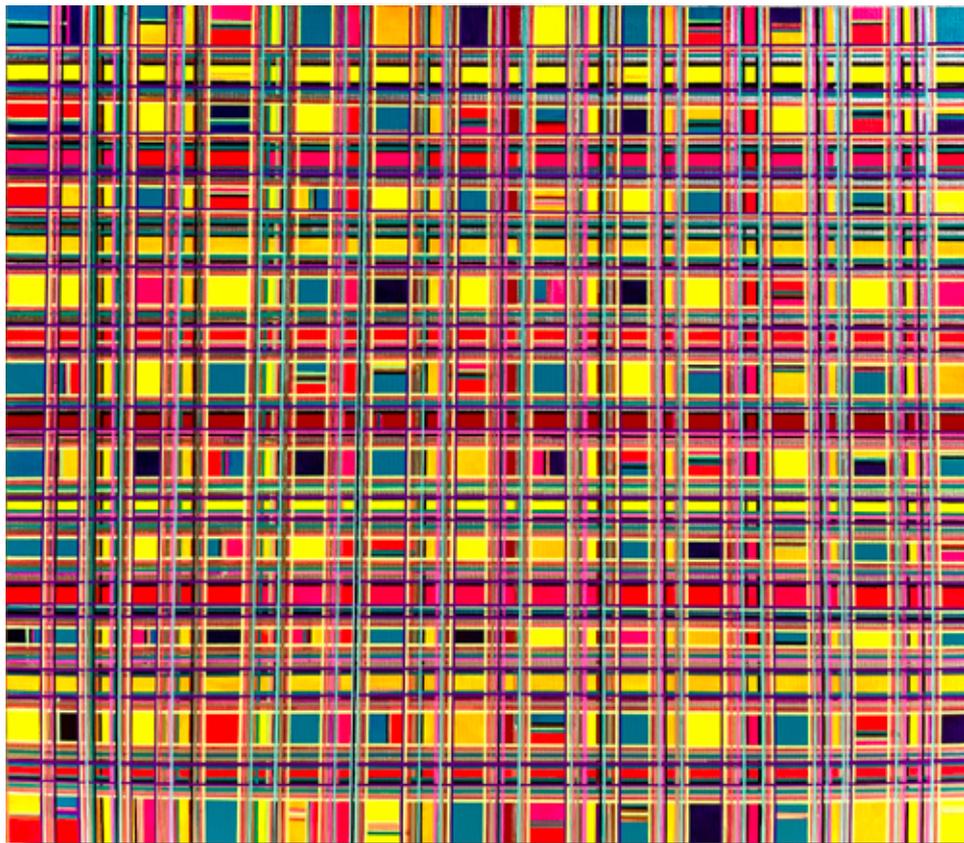
A cor a geometria são pontos importantes de reflexão dentro de uma concepção em que uma aparente simplicidade externa pode conduzir a um mergulho na complexidade interna de quem cria e de quem observa. A visualidade do trabalho se dá pela capacidade de pesquisar como linhas e cores dialogam com o espaço para estabelecer seus próprios caminhos. Muito menos que sugerir figurações, o que sempre ocorre, de um jeito ou de outro, as obras propõem questionamentos plásticos em várias dimensões, desde a particular até a universal.



Cris Pires Furtado | Triângulos Geométricos | Técnica mista | 100x100 cm | 2022



Cris Pires Furtado | Janelas Amarelas | Acrílica em tela | 70x80 cm | 2022



Cris Pires Furtado | Janelas I | Acrílico em tela | 70x80 cm | 2022

DIANE DUMAS

diane.joelle.dumas@gmail.com



Diane Dumas (1972) é uma artista com tripla nacionalidade (Brasileira, Suíça e Portuguesa), com vivência em vários países e extremamente influenciada por diversas etnias. Vive atualmente em São Paulo, SP, desde 2000. Sua produção artística emprega pinturas em painéis e desenhos e o material manuseado de sua preferência é tinta acrílica, tridimensional, crayons gel e stylos liquid ink, incentivando o contato interativo direto do toque com a obra. A pintura dos painéis se amplia pelas laterais, descartando a limitação de uma moldura e a assinatura não é frontal para evitar qualquer tipo de influência no todo. Cabe a cada pessoa deixar-se levar pelas sugestões propostas e/ ou pelas percepções individuais.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

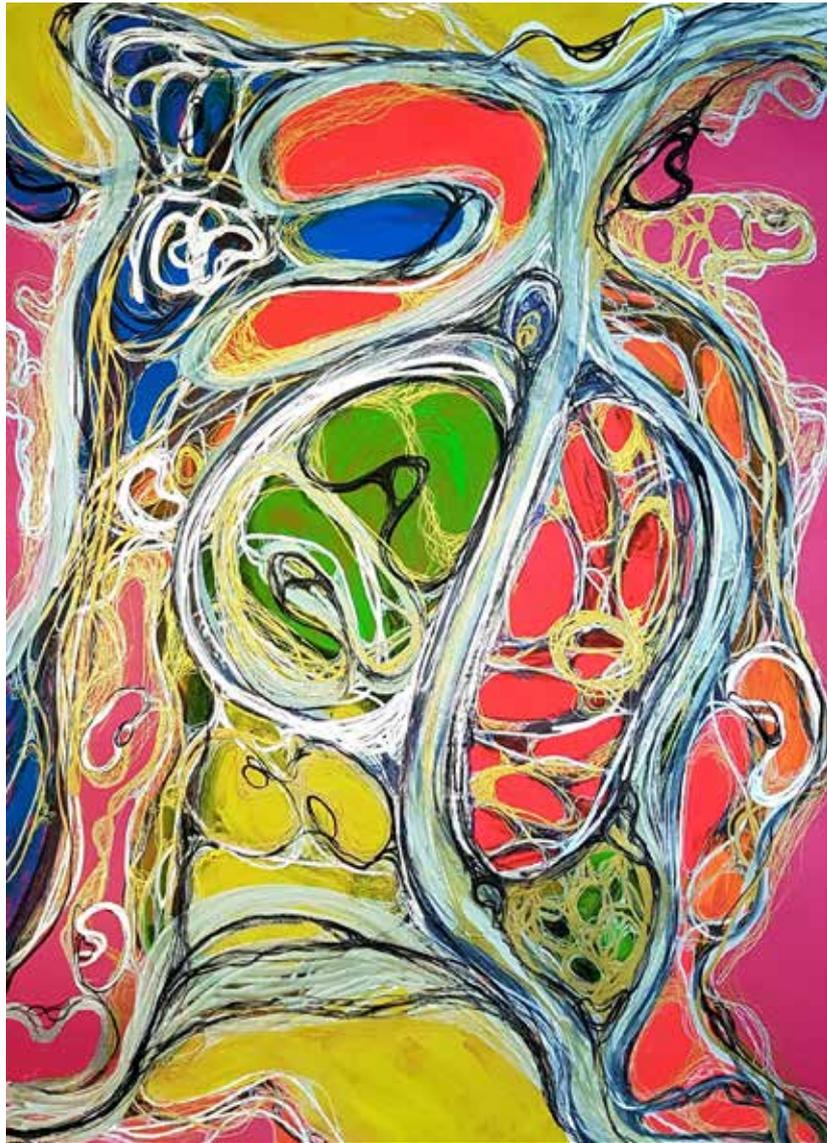
A poética da artista se dá nos jogos que propõe entre cores intensas, curvas e linhas. Figuras do mundo real muitas vezes podem ser entendidas, encontradas ou imaginadas nas imagens. É nessa dinâmica que a retórica visual é erguida. Existe a intencionalidade de se ter um observador ativo, que receba estímulos para trazer à tona aquilo que está dentro de si. A imagem funciona como um detonador de emoções e de percepções para que a obra se complete como um falar e interpretar possibilidades de estar no mundo e vivenciá-lo.



Diane Dumas | Picada Sofisticada | Técnica mista | 42x29,7 cm | 2022



Diane Dumas | Ça Plane Por Moi... Hou Hou Hou Hou | Técnica mista | 42x29,7 cm |
2022



Diane Dumas | Meu Pé de Feijão-Lima | Técnica mista | 42x29,7 cm | 2022

DIOGUM

diogumluz@gmail.com

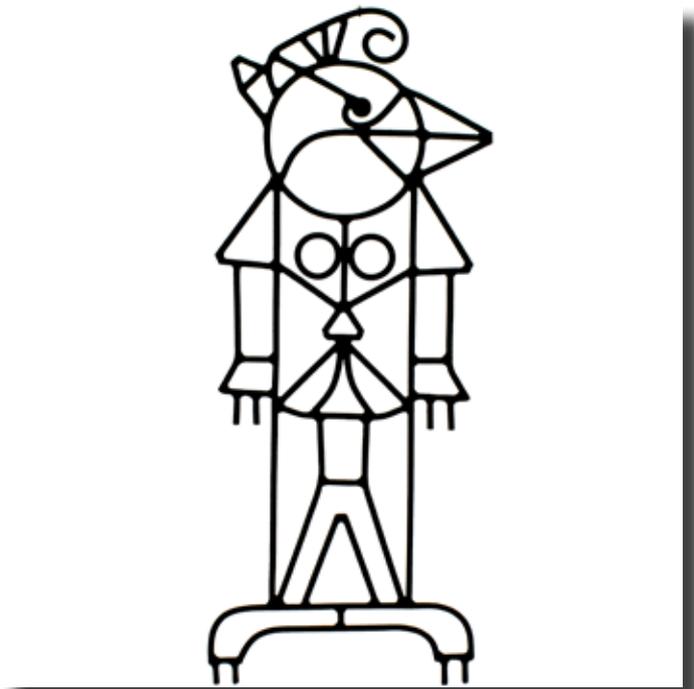


Diogum, artista e artesão popular pernambucano. Criador de esculturas produzidas em ferro, inspiradas em símbolos ancestrais. Aprendeu a manusear o metal com seu pai, quando ainda era criança na sua serralharia. Primeira exposição em maio de 2019 na Casa Cultural Villa Ritinha, curadoria Klaus Meyer. Prêmio Artista revelação, exposição coletiva Art Freedom 2019, outubro em Paris.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

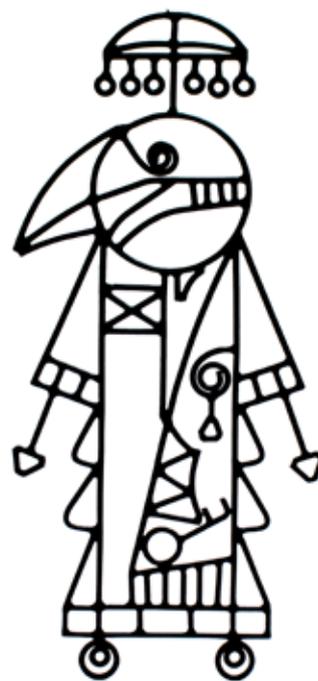
A concisão é um mérito artístico. Dizer o máximo com o mínimo possível costuma ser o resultado de um percurso por veredas de limpeza da própria obra. As veredas a serem percorridas, nesse aspecto, são as de um pesquisar rumo a um observar e entender aquilo que se faz como uma maneira de interpretar a própria existência. A ocorrência desse processo conduz a um natural amadurecimento do trabalho em que se percebe como se torna possível falar mais e melhor de si mesmo e do mundo visível para atingir o invisível.



Diogum | Pássaro de Oyá | Escultura | 46x23x1 cm | 2022



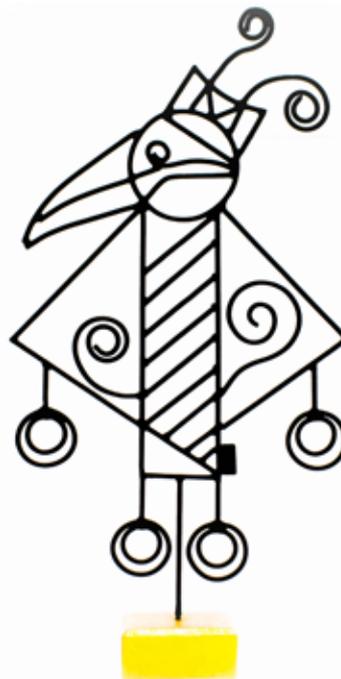
Diogum | Pássaro de Logun-Edé
| Escultura | 47x23x1 cm | 2021



Diogum | Pássaro de Oxalá |
Escultura | 67x24x1 cm | 2021



Diogum | Pássaro Livre |
Escultura | 64x27x4 cm | 2020



Diogum | Pássaro do Rei |
Escultura | 63x34x4 cm | 2021

IRACEMA DALL'GNOL

iradallagnol@gmail.com

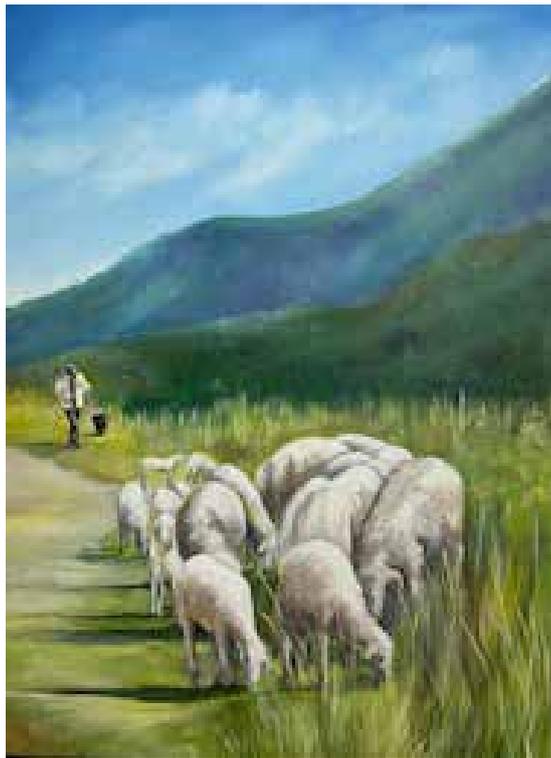


Iracema Dall'Gnol, nascida no Rio Grande do Sul, é curitibana de coração, apaixonada por artes, pinta desde a infância, mas nunca profissionalmente. Atualmente pinta no atelier da artista plástica Marilene Zancchetti. Utiliza-se das técnicas de óleo sobre tela e aquarela. Tem paixão pelas paisagens, em especial as árvores, nas quais encontra energia e beleza: “nada melhor que uma tela com uma linda árvore para dar vida e embelezar qualquer ambiente”.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Paisagens agradáveis e realistas não são apenas imitações do mundo. Permitem, no mínimo, duas vertentes de leitura. Uma delas está no entendimento delas como representações, ou seja, como formas de entender aquilo que se conhece como um caminho para o que se deseja buscar, mas que não é evidente. Além disso, uma pintura é ainda uma interpretação visual, um portal para levar a uma reflexão sobre as intencionalidades de cada artista no desenvolvimento de um projeto visual.



Iracema Dall'Gnol | O Pastor | Óleo sobre tela | 50x80 cm | 2021



Iracema Dall'Gnol | Árvore Paranaense | Óleo sobre tela | 50x70 cm | 2022



Iracema Dall'Gnol | O Encontro | Óleo sobre tela | 50x90 cm | 2021

JBITTAR

julianabittar86@gmail.com



A artista JBittar iniciou sua trajetória artística aos 15 anos com pintura óleo em tela, porém foi com a tinta acrílica que se identificou. Teve a sorte de encontrar grandes mestres durante o processo de evolução. Passou por períodos de distanciamento da pintura, quando se dedicou à fotografia, que auxiliou no desenvolvimento do estilo atual. A definição das formas com contorno preto é uma característica marcante e a natureza/emoções sempre se põe presente em suas telas e ilustrações.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Trabalhar as intensidades da expressão de rostos por meio das cores faz com que cada expressão plástica atinja possibilidades renovadas de interpretação. A arte, nesse sentido, é uma permanente caminhada por distintas representações. Muito mais do que imitar aquilo que se vê na chamada realidade, cabe a cada criador instaurar as suas interpretações em um processo caracterizado pela fusão entre os recursos técnicos aprendidos ao longo da carreira e a própria sensibilidade.



JBittar | Self-Love | Acrílico sobre tela | 45,7x60,9 cm | 2021



página anterior: JBittar | Dentro Inside | Acrílico sobre tela | 42x59,4 cm | 2021



JBittar | Embrace | Acrílico sobre tela | 40,6x50,8 cm | 2021

JU BARROS

jubarros.art@gmail.com

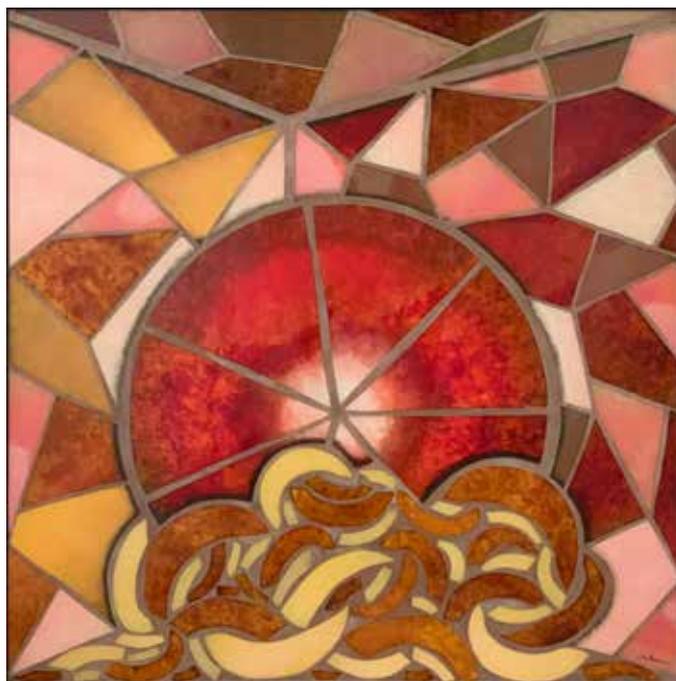


A artista visual Ju Barros, nascida em 1973, reside em Guaratinguetá, SP, Brasil. Expressa-se por mosaicos com pintura em vidro e arte digital. Sua técnica em mosaicos com pintura em vidro consiste em um processo minucioso e detalhado que envolve a criação da composição, o recorte das formas em vidro transparente, a pintura das peças recortadas, a colagem no suporte, a aplicação do rejunte e o acabamento. Mestre em Computação Gráfica pela PUC-Rio, realizou cursos de especialização em criação de mosaicos, pintura em vidro e História da Arte. Participou de exposições no Brasil e no exterior: Lisboa, Londres, Paris e Nova York. Integrou livros e publicações de arte, entre elas a segunda e a quarta edições da Revista Artrilha, participando também de 3 edições do Leilão de Arte Artrilha.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Os diálogos entre círculos, linhas e retas alimentam a produção visual da artista. O desafio permanente está em relacionar esses atributos visuais de modo a atingir as composições desejadas. Os tons de cores também desempenham um papel fundamental para construir a atmosfera desejada. Do mesmo modo que a existência é complexa, mas oferece percursos a serem trilhados, a criação visual, tem, em suas dificuldades, portos seguros do qual se parte para novas jornadas.



Ju Barros | Complexo | Mosaico com pintura em vidro | 80x80 cm | 2021



Ju Barros | Desconexo | Mosaico com pintura em vidro | 80x80 cm | 2021



Ju Barros | Reflexo | Mosaico com pintura em vidro | 80x80 cm | 2021

JÚLIO CÉSAR BARBOSA

julioarbosapaiva@gmail.com

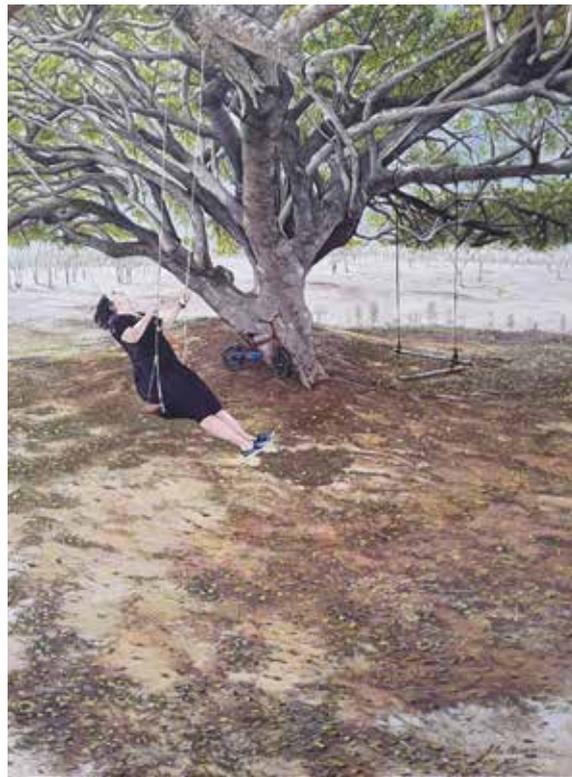


Júlio Cesar é artista plástico, paulista de Santo Antônio da Alegria, nascido em 21 de julho de 1979, reside no estado de Roraima na Capital Boa Vista. Trabalha com técnicas em acrílica e óleo no estilo figurativo utilizando pincéis e espátulas. Iniciou no mundo das artes plásticas ainda na sua infância. Estudou Licenciatura em Artes Visuais na UFRR. Foi Conselheiro de Cultura do Estado de Roraima, representante da área das Artes Visuais. Suas obras já foram expostas em exposições e salão de arte no Brasil e Exterior, agraciado com moção de congratulação, certificados e algumas premiações.

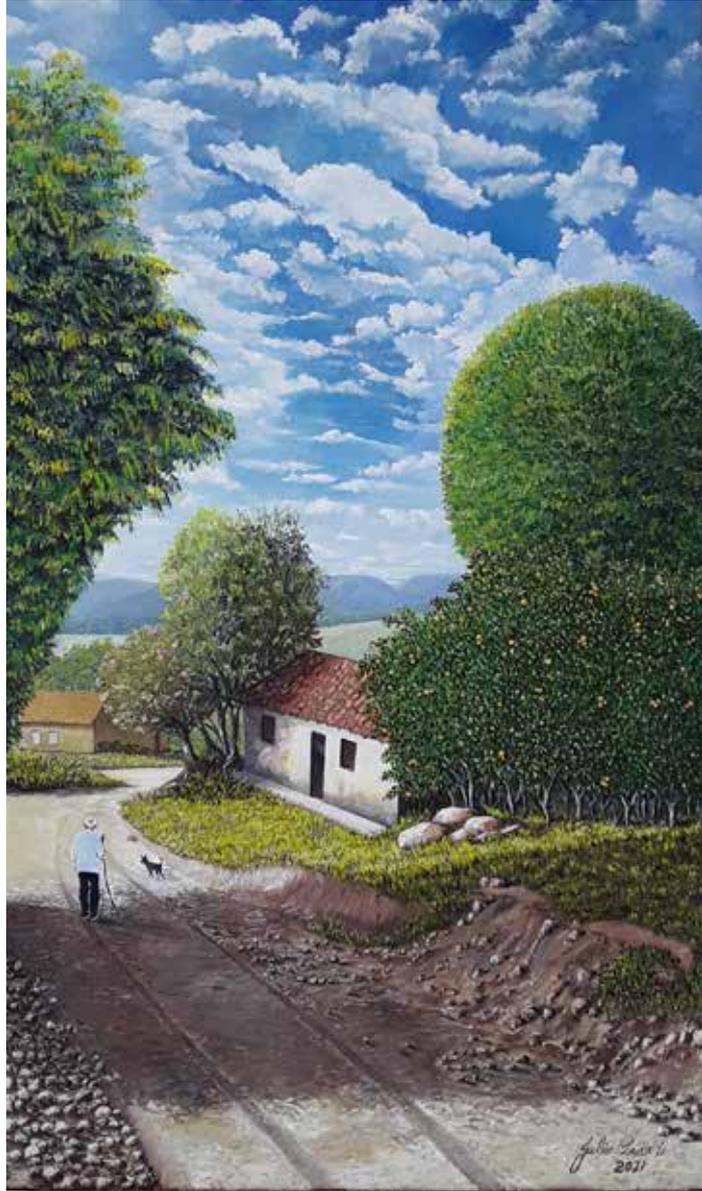


CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

O lirismo da arte está na delicadeza. Uma moça, um balanço, uma bicicleta e uma árvore, por exemplo, podem ganhar significados enovados quando se pensa neles não como o que são no mundo considerado real, mas naquilo que representam. Respectivamente, é possível vê-los como o feminino, o equilíbrio, o movimento e a própria vida. Aquilo que se vê em uma imagem pode nos levar, assim, para o que não é visto, mas indicado como objeto de reflexão artística e existencial.



Júlio César Barbosa | Balanço da Moça | Acrílico sobre tela | 80x60 cm | 2021



Júlio César Barbosa | Casinha da Serra | Óleo sobre tela | 67x40 cm | 2021



Júlio César Barbosa | Sombra do Ipê | Acrílico sobre tela | 121x80 cm | 2018

LEILA COSTA QUAGLIO

equaglio@hotmail.com



Leila Costa Quaglio é natural do Paraná, formada em Artes Plásticas pela UEL e Design de Interiores pela ABRA- SP. Cursou Desenho Artístico e Esculturas em Vidro no Westminster College - Londres, e mais recentemente Escultura em Cerâmica. Seguidora de uma vertente mais realista e figurativa, incorpora temas marinhos, folclóricos e mitológicos às suas obras. Em seu ateliê de cerâmica vem produzindo peças utilitárias e decorativas, incorporando-as às suas telas, numa “simbiose” de técnicas e materiais diversos.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

A concepção de figuras e o diálogo de suas formas com os fundos dos trabalhos são portas de entrada para um universo de percepções que caminha pela seleção de caminhos visuais. A criação de cada elemento, dentro desse fazer, é o resultado de escolhas voltadas para uma composição em que o resultado apresentado se tona a cristalização de um processo mental que vai da criação da imagem até a sua execução. Entre aquilo que se pensa e o que se realiza não há uma linha reta, mas um percurso de inquietações – e são elas que valorizam a arte.



Leila Costa Quaglio | As Aparições - Guadalupe | Acrílico sobre painel | 50x70 cm |
2022



Leila Costa Quaglio | As Aparições - Conceição | Acrílico sobre painel | 50x70 cm |
2022



Leila Costa Quaglio | As Aparições- Penha | Acrílico sobre painel | 50x70 cm | 2022

LU RODRIGUES

lurodriguesdesigner@gmail.com



Lu Rodrigues é uma artista plástica que trabalhou em gráfica, com desenhos de arte e impressões, e fez curso de design de interiores, faz projetos em 3D, mas o desenhar e pintar estavam em segundo plano. Conheceu a resina quando abriu sua própria loja de móveis e usava a resina e algumas peças para decoração. E o trabalho com a resina despertou o que ela sempre quis fazer e trouxe a possibilidade de trabalhar com o que mais gostava, desenhar e pintar. Há mais de 3 anos vem fazendo peças, obras de arte com resina, quadros com temas de mar são o que mais gosta, junto com a arte abstrata, junta materiais diversos que agregam em suas obras, areia, pedra, massa plástica, tinta acrílica, Glitter, papel, e como ela diz o que a imaginação mandar.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Entre as vertentes pictóricas, há aquelas que lidam com as tonalidades. Quando isso ocorre, a dinâmica interna dos trabalhos ganha expressividade. Trata-se de uma maneira peculiar e própria de estabelecer caminhos interpretativos em que a observação deve ser cuidadosa. Quando se pensa em estudar uma proposta visual, é preciso dar a cada acontecimento a devida importância, sem pressa, mas com carinho, pois há em cada fazer um pensar e, em cada executar, uma proposta a instaurar elos com a chamada realidade.



Lu Rodrigues | Búzios | Resina | 47x48 cm | 2021



Lu Rodrigues | Azul Profundo | Resina | 160x120 cm | 2021



Lu Rodrigues | Mar e Pedras | Resina | 25x33 cm | 2021

LUCIGNAM GUIMARÃES

lucignamguimaraes@gmail.com



Lucignam Guimarães é artista autodidata, que desde sua infância descobriu sua paixão pelas cores, pela prática de pintar e desenhar, incentivado intensamente por seus pais. Sua formação artística é constituída pela pesquisa pessoal, cursos de desenho arquitetônico patrocinado pelo tio. Aos 18 anos, estudou serigrafia e design, iniciando a carreira de empreendedor, montando seu negócio ligado a arte de estampa, onde obteve muito sucesso no mundo das criações de estampas que compunham as principais vitrines das marcas famosas dos anos 90. A empresa evoluiu, cresceu e o artista aprimorou as técnicas de serigrafia e tornou-se pioneiro da zona Oeste do RJ na fabricação de estampas com a técnica da sublimação.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

O diálogo da tradição da pintura com a contemporaneidade pode ocorrer pelas formas utilizadas ou pelas cores. Ele se dá pela concepção da arte como um derrubar barreiras. Figuras mais clássicas e conectadas com a tradição podem ganhar novos aspectos quando passam a ser vistas como elos com o mundo que nos rodeia. Falar do antigo de um jeito novo significa ler o que está ao redor fora dos padrões estabelecidos em busca de aspectos diferenciadores das próprias soluções visuais, instaurando os próprios saberes e pensares.



Lucignam Guimarães | David | Acrílico sobre tela | 140x110 cm | 2021



Lucignam Guimarães | Frida Kahlo | Acrílico sobre tela | 140x110 cm | 2021



Lucignam Guimarães | Salvador Dali | Acrílico sobre tela | 140x110 cm | 2021

LUIZ CAMPOY

lcmcampoy@uol.com.br

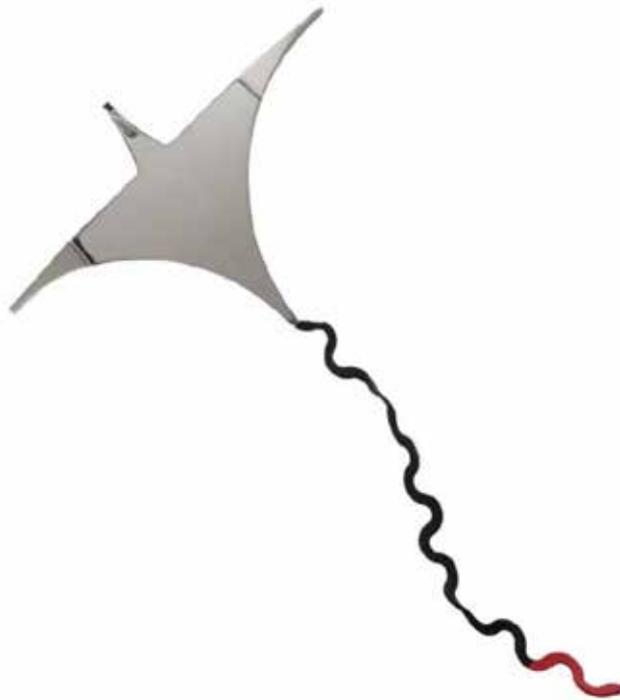


Luiz Campoy é um artista, engenheiro civil e empresário brasileiro, nascido em 1956 em São Caetano do Sul. Seu conhecimento de engenharia civil contribuiu significativamente para suas criações e a evolução de sua arte. Sua primeira exposição aconteceu na Casa Cor, em Santo André, Brasil, seguida pelo Circuito Pinacoteca (2015, S.C. Sul - Brasil) e pela 5ª Vitrine Pinacoteca (2016-2017, S.C. Sull - Brasil). Desde então, participou de diversas exposições internacionais, como Salon International d'Art Contemporain: Carrousel du Louvre (2019, Paris - França) e Circuito Ibérico (2020-2021, Porto, Algarve, Lisboa, Cascais - Portugal), Lalou - Arte: Exposição coletiva em 2021 (Toledo-ES), Feira de Arte de Lausanne (Suíça), 4ª Foire Internationale d'art Contemporain em 2021, Artilha Catavento 2021, World Dubai em 2022. entre outros eventos de destaque. Ele também tem obras de arte permanentes em Ef_art_gallery (Dijon, França) e Vins Coudurier Jung Gallery (Beaune, França).



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

A liberdade é o maior patrimônio que a arte pode ter. Ela se manifesta tanto em objetos, como pássaros voando ou pipas no céu, mas também se dá na escolha de uma paleta de cores ou no entendimento de que cada olhar plástico traz de indagador e renovador. Por mais que artistas se influenciem entre si, o encontro de uma poética pessoal está na imersão naquilo que cada um tem de único e de diferente, seja na cor, no assunto visualmente proposto, nos objetos escolhidos, na pincelada ou na questão que motiva a continuar a se expressar.



Luiz Campoy | Raia | Escultura | 106x61x0,5 cm | 2020



Luiz Campoy | Altos e Baixos: o Jogo da Vida | Escultura | 17x9x8 cm | 2019



Luiz Campoy | Côncavo e Convexo | Escultura | 50x30x2,5 cm | 2021

LUIZ QUEIROZ

luiz@luizqueiroz.com



Luiz Queiroz, paulistano, publicitário de formação, usa da fotografia para cuidar do que lhe afeta, capturar nos vazios e sentir na paisagem, nas pessoas, nos ambientes aquilo que deve ser criado. Tem interesse no elemento humano inserido na cena, no lugar comum. Fotografava com apenas 8 anos de idade com a Pentax Spotmatic 35mm de seu pai. Aprendeu a montagem de luz em estúdios com Oliviero Toscani, Fabrizio Ferri e Bert Stern entre outros, desenvolvendo o olhar nas sutilezas das luzes, sombras e ângulos. Imprime tecnicamente sua história e sua larga experiência como fotógrafo. Tem várias exposições coletivas e individuais no Brasil e exterior, destaca-se a individual “Veneza” em São Paulo (2008) e “Observando Momentos” em São Bernardo do Campo (2018), e a coletiva “Fotoarte 2019” - com 30 fotógrafos selecionados em concurso mundial - Vitoria Gasteiz - Espanha - 2019.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

A construção de uma imagem ocorre de diversas maneiras. Cada artista oferece o seu caminho quando apresenta um trabalho. Luiz Queiroz se vale principalmente de dois elementos: a composição e as tonalidades. A primeira, como dizem os orientais, é o “osso” da arte, ou seja, o princípio basilar que sustenta um fazer. No universo das segundas, estão as sutilezas de um construir abordagens sempre renovadas. É possível, portanto, desenvolver uma pesquisa visual, como ocorre no presente caso, que esteja atenta às sutilezas desses parâmetros.



Luiz Queiroz | Basilico | Fotografia | 53x80 cm | 2021



Luiz Queiroz | Basilico em Flor | Fotografia | 53x80 cm | 2021

página posterior: Luiz Queiroz | Tomates | Fotografia | 53x80 cm | 2021



MARCELO LOPES

marcelolopes_arts@yahoo.com.br



Marcelo Lopes é natural de São José do Rio Preto - SP. Artista plástico profissional há mais de 20 anos e fundador de uma galeria de artes, onde ensinou e comercializou suas obras e desenvolveu um trabalho de inclusão social com alunos especiais. Formado em Pedagogia com defesa pública: História do Desenho. Participou do Festival Internacional de Teatro (FIT) de São José do Rio Preto com a pintura de um outdoor ao vivo. Iniciou seus estudos e frequentou a Associação Paulista de Belas Artes em São Paulo. E ainda, tem trabalhos vendidos na Europa, principalmente Portugal, Espanha, França e Itália. O artista também fez ilustrações em livros e mostras no Brasil e exterior. Marcelo Lopes está catalogado no índice de Artes Plásticas Júlio Lousada, foi indicado a inúmeros prêmios, participou de salões de arte com premiações em todo o Brasil, entre eles menção honrosa no XXV Salão Cidade Maravilhosa e IV Salão Primavera, ambos no Rio de Janeiro.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Obras abstratas têm como eixo central de suas preocupações a composição e a cor. Costumam ser o resultado de um processo de muita pesquisa. Trata-se de muito mais do que uma ocupação de um espaço. Há, nessa concepção, um pensar o universo pictórico como um espaço do sagrado, não no sentido místico, mas nos aspectos que conduzem a uma reflexão de como fazer arte é conversar com aquilo que se é e o que se aprimorou tecnicamente ao longo da própria carreira. É dessa caminhada que as imagens pensadas e sentidas se alimentam.



Marcelo Lopes | Sem título | Acrílico sobre tela | 110x70 cm | 2022



Marcelo Lopes | Sem título | Acrílico sobre tela | 130x80 cm | 2022



Marcelo Lopes | Sem título | Acrílico sobre tela | 140x80 cm | 2022

MARIA AMÉLIA FONSECA

meliafonseca@yahoo.com.br



Maria Amélia Fonseca formou-se em Design de Interiores em 1995 pela UEMG (Universidade Estadual de Minas Gerais). Durante os estudos teve também a oportunidade de frequentar aulas de pintura com o conceituado artista plástico Fernando Vignoli, que fez aumentar exponencialmente o seu interesse pela arte. A artista diz que o contato com Fernando foi determinante para sua inspiração de trabalho e técnica. No entanto, a artista está sempre aprimorando sua individualidade artística. Participou de exposições como, Bela Bienal European an Latin American Contemporary Art Biennial Exhibition - Sustainability in Art; Pink October - Finlândia; Brilliance of Colors - Ava Gallery/Helsinki; Brasil! Brazil! and the Newark Municipal Council; Espaço Cultural - Marilene Carvalho; Mulheres do Brasil - Mantena - Newark; The Journey III - New York; Colorindo Vidas; Arte que Salva entre outras. Com gratidão meu primeiro catálogo na Revista ARTRILHA 4ª edição.

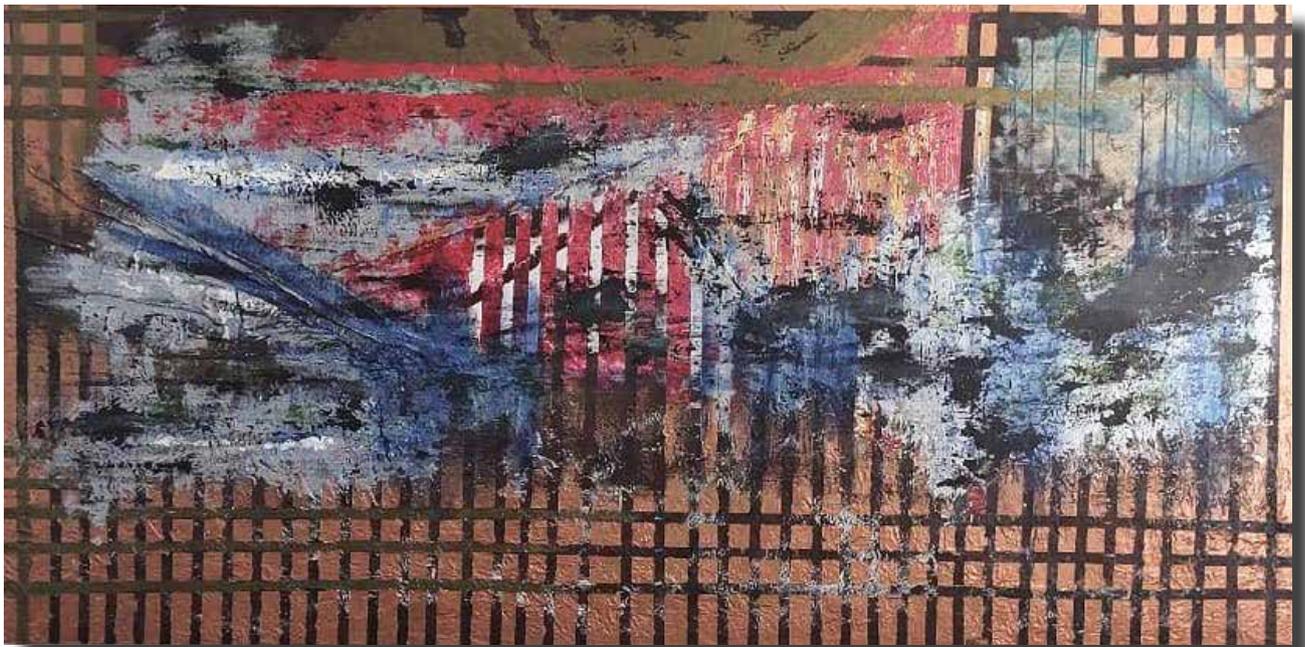


CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Uma das características da arte está em lidar, simultaneamente, com o individual e o coletivo. Cada criador visual encontra a sua forma de trazer essas questões à tona. Uma delas está na delicadeza. Ser sutil não significa perder a contundência, mas sim ofertar novas possibilidades de instaurar visões. Cada trabalho, nessa vertente, insere questões que podem ser observadas na visão dos detalhes propostos, assim como no conjunto, o que enriquece as possibilidades de visualização do trabalho.



Maria Amélia Fonseca | Sem título | Técnica mista | 60x50 cm | 2021



Maria Amélia Fonseca | Sem título | Técnica mista | 100x50 cm | 2021



Maria Amélia Fonseca | Sem título | Técnica mista | 100x50 cm | 2021

MARIA AMÉLIA VIANNA

fotosbymav@gmail.com



Na fotografia há mais de 10 anos, Maria Amélia Vianna nasceu no Rio de Janeiro e mora em São Paulo. É pós-graduada em Sociologia Política e Cultura pela PUC e em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas, ambas no Rio de Janeiro. O trabalho dela na Fotografia é principalmente direcionado ao corpo humano, o que ela considera diversificado. Participou de diversas exposições coletivas individuais e salões, e tem participação na publicação Revista “Arte & Estilo” – ano 6 – outubro 2017; ano 7 – dezembro 2018, Rio de Janeiro.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Como bem aponta Kandinsky, em sua obra clássica “Do espiritual da arte”, a sociedade humana, em termos artísticos, percorre um percurso que pode ser definido como uma pirâmide. Na base, está a materialidade; e, no topo, a essência. A trajetória é de desapego, que leva ao abstracionismo e aos encontros dos valores e práticas que realmente importam. Cabe ao criador visual levar os outros nessa caminhada. O percurso se dá justamente nesse movimento pela abstração que leva ao encontro de si mesmo e da essência da arte.



Maria Amélia Vianna | Índigo Arcoíris | Fotografia Diptíco | 20x25 cm | 2019



Maria Amélia Vianna | Azul Arcoíris | Fotografia Diptíco | 20x25 cm | 2019



Maria Amélia Vianna | Laranjal ArcoÍris | Fotografia Diptico | 20x25 cm | 2019

MARLETE IRANI BORBA

iraniborba@yahoo.com.br



Marlete Irani Borba, nasceu em 20/11/1964 na cidade de Blumenau, Santa Catarina, onde reside atualmente, com nome artístico Marlete Morba. Na busca do autoconhecimento a artista permitiu-se a pintar como forma de exteriorizar suas emoções e dialogar com o mundo através da arte. Durante o ano de 2020 participou das aulas de pintura em tela no Ateliê “Arte Varia”. Teve contato com vários artistas e com as diversas artes. Realizou SARAU e entregou centenas de quadros pintados. Teve suas obras “Puxar a Rede” e “O Barco” expostas na modalidade virtual no “I Salão Earte Blu 2021”. Participou da feira “Mãos Que Criam” no Shopping Neumarkt, também em 2021. Morba é uma artista sensível, intensa e autodidata, tem a arte como forma de se comunicar usando técnicas variadas em suas pinturas.

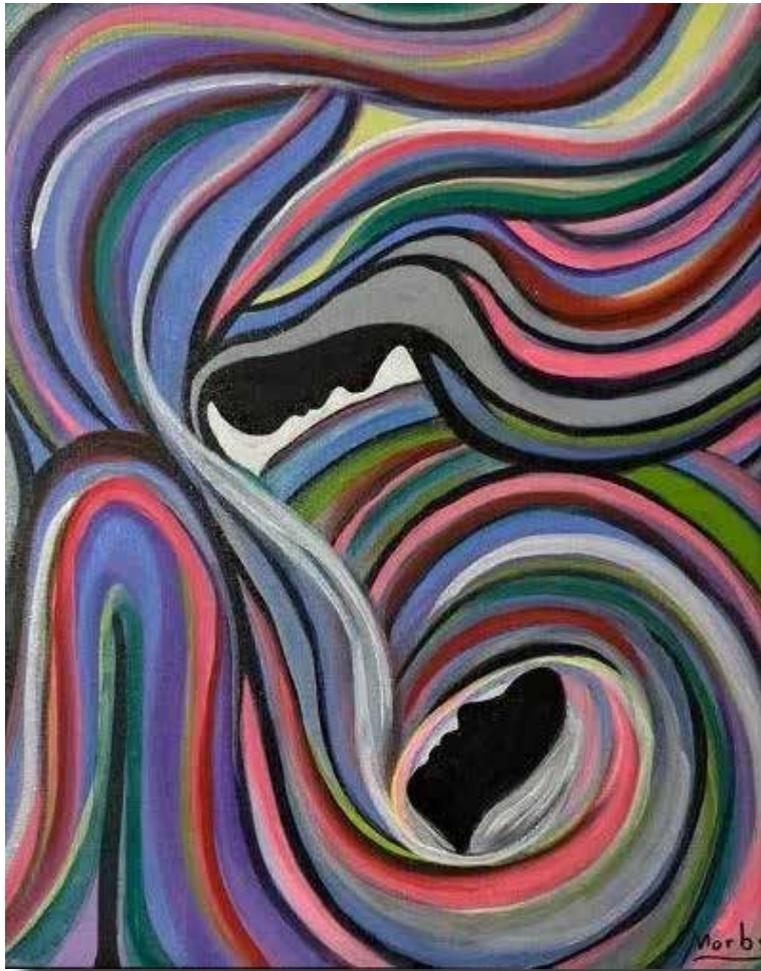


CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

As cores quentes são uma manifestação que traz à baila uma expressão do mundo que não é apenas visual. Ela se dá nas mais variadas instâncias, principalmente naquela que está no universo das veredas que são escolhidas. A intensidade de laranjas, vermelhos e amarelos pode estar em flores ou paisagens. Acima de tudo, está nas decisões formais que levam aos resultados esperados, muitas vezes internamente comprometidos com o desejo de uma expressão que busca gerar um impacto no observador.



Marlete Irani Borba | Florais | Óleo sobre tela | 60x80 cm | 2020



Marlete Irani Borba | Espera | Acrílico sobre tela | 50x40 cm | 2022



Marlete Irani Borba | Feminino | Guache | 24x16 cm | 2020

MAURIZIO CATALUCCI

maurizio.mk9@protonmail.com



Maurizio Catalucci, Roma/Itália - 1955, fotógrafo, artista plástico, engenheiro civil, baseado em São Paulo/Brasil. Desde muito cedo inclinado pela Arte, fez diversas exposições com pintura abstrata recebendo prêmios e menções, na fotografia participa de várias coletivas em São Paulo. Trabalha profissionalmente como fotógrafo de Arquitetura e Fine Art desde 2012 com diversos trabalhos publicados em revistas especializadas.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

A fotografia é um universo do tratamento do espaço. Cada decisão tomada está relacionada com a composição. Não existem regras rígidas, mas uma inteligência visual que vai sendo progressivamente desenvolvida ao longo da carreira. Nesse aspecto, as imagens que o artista apresenta trazem uma pesquisa sobre como a visualidade é construída, sendo importante, por exemplo, o desenvolvimento de um pensar sobre as linhas retas e curvas que o espaço oferece. Muito mais que conceder respostas, cabe ao artista instaurar indagações.



Maurizio Catalucci | Coliseu 027 | Fotografia | 2013



Maurizio Catalucci | Duomo di Milano 030 | Fotografia | 2013



Maurizio Catalucci | Galleria Vittorio Emanuele II 079 | Fotografia | 2015

MONICA MENDES

monicamendes813@gmail.com



A artista plástica Mônica Mendes é natural de Belo Horizonte e vive entre Miami e Belo Horizonte. Desenvolve relevantes trabalhos no segmento das artes plásticas, com especialização na pintura a óleo e acrílica. Os temas prediletos da artista estão relacionados com a cultura em que Monica viveu e tem suas raízes. Embora tenha graduação em Relações Públicas e Educação Física e possuir raízes artísticas desde a infância, seu amor pela arte originou a obtenção do título “Master Degree of Fine Arts em Painting”, somente em 2016, pela Academy of Art University, em São Francisco. Premiada por suas obras nos Estados Unidos pelo Focus Brasil por 2 anos consecutivos e em salões de arte no Brasil, participa regularmente de várias exposições coletivas, feiras e salões de arte pelo mundo como Japão, Londres, França, Itália e Brasil. A artista tem também publicações em revistas e livros de arte no Brasil e nos Estados Unidos muitas delas ganhas em competições de arte.

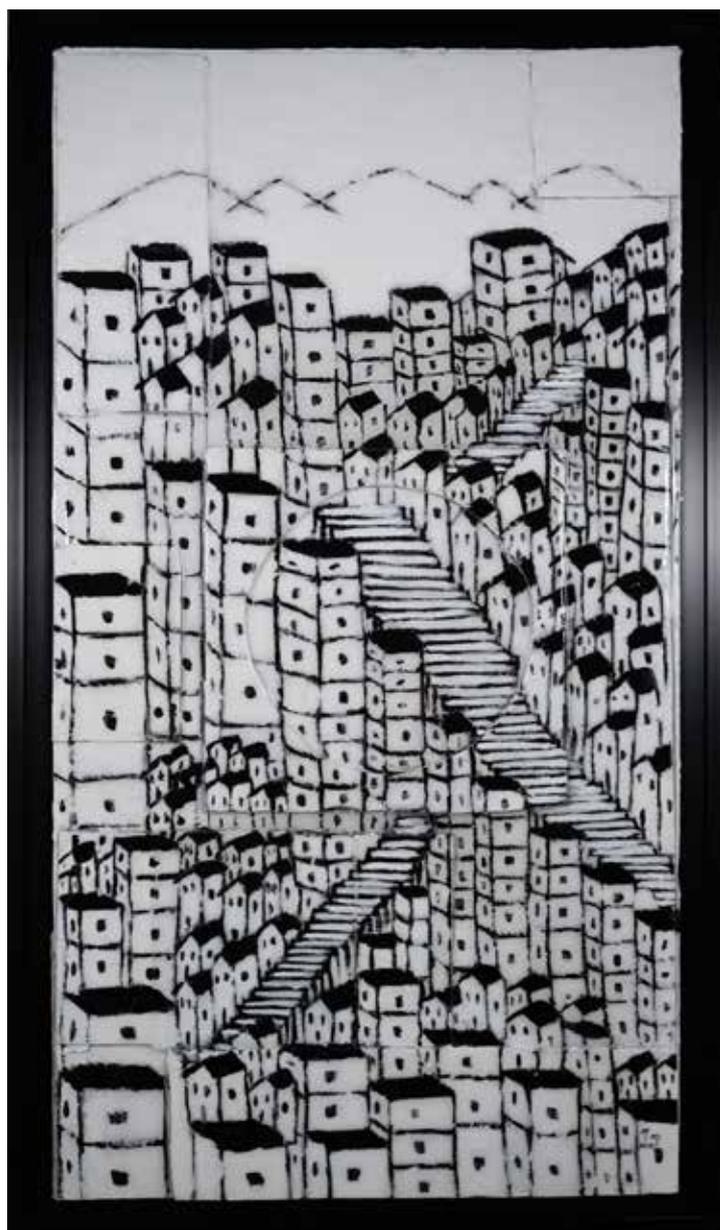


CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

A artista traz em suas composições um pensamento permanente de vivência com o coletivo. As imagens representadas podem ser casarios de comunidades, máscaras contra a pandemia ou outros elementos do cotidiano. O essencial é verificar como são dispostas de modo a trazer uma mensagem de que o conjunto da sociedade é sempre mais importante do que cada indivíduo separadamente. Dessa forma, cada dia da existência ganha a conotação de um passo para a construção de um mundo artístico e vivencial cada vez melhor.



Monica Mendes | Resistência | Técnica mista | 61x170 cm | 2020



Monica Mendes | Favela Branca | Técnica mista | 109x238 cm | 2021



Monica Mendes | Subindo o Morro | Técnica mista | 41x79 cm | 2021

MONY BRESS

monicabressan@gmail.com



Artista brasileira, nasceu em Cacequi, no Rio Grande do Sul, em 06 de agosto de 1977. Vive e trabalha em Lagoa Vermelha, Rio Grande do Sul, Brasil. Atua no universo da pintura e do desenho, utilizando aquarela, tinta acrílica, nanquim, pastéis e carvão. Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/RS, concluído em 2007.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Lidar com figuras femininas é um dos desafios da arte que vale para todos os suportes e materiais. O que têm em comum é a percepção de que os detalhes trazem uma reflexão sobre o próprio fazer. Existe, em cada criação, um acúmulo de decisões que leva a um resultado pictórico progressivamente qualificado. Em se tratando de uma mulher, pode-se pensar em elemento como arranjos de flores, arrumação do cabelo ou adornos imaginativos da composição. Esse raciocínio, portanto, vale para o processo de instaurar qualquer imagem.



Mony Bress | Sem título | Acrílica sobre tela | 60x40 cm | 2022



Mony Bress | Sem título | Acrílica sobre tela | 60x40 cm | 2022



Mony Bress | Sem título | Acrílica sobre tela | 60x40 cm | 2022

NILIA VIEIRA

niliavieira.artes@gmail.com



Nilia Vieira é artista plástica, ceramista. Brasileira, paulista, paulistana, se formou em Artes Plásticas/Comunicação Visual pela FAAP e é pós-graduada em Marketing pela ESPM. Desde os 9 anos “artistando” e aos 11 anos realizou exposições de artes no Teatro Paulo Eiró. Durante sua infância e sua juventude estudou e se expressou em diversas técnicas artísticas. Trabalhou em publicidade/comunicação, moda e consultoria, com a arte sempre presente em sua vida. Em 2021, por uma dor muito grande, foi buscar a própria essência e, em contato com o barro, nasceu a Cerâmica, com uma identificação profunda, amando... e ao que tudo indica, esse amor é recíproco.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Recipientes arredondados são formas de a arte da cerâmica dialogar com a existência. Trata-se de uma maneira de trazer à tona diversas temáticas associadas, por exemplo, ao feminino, como a noite, a lua, o fluxo das marés, a menstruação, a inconsciência e o mistério. Criar, nesse aspecto, é muito mais do que dominar uma técnica. Trata-se de um mergulhar nas forças internas para retirar delas a capacidade de transmitir ao observador uma percepção universalizante do mundo.



Níliá Vieira | Verde | Cerâmica manual | 21,5x21,5x8 cm | 2022



Nilia Vieira | Vida | Cerâmica Placa | 75x60 cm | 2022



Níliá Vieira | Natura | Cerâmica manual | 75x55 cm | 2022

PATYLENE

patylene.arts@gmail.com



Patylene é uma artista plástica Rio Claro - SP. Autodidata, Desde criança desenhava e pintava personagens de revista em quadrinhos. É formada em desenho técnico nas áreas de arquitetura e mecânica e desenvolveu vários trabalhos de modelagem e animação 3D e durante muito tempo fez apenas alguns trabalhos de pintura. Usa técnica mista e acrescenta materiais como areia, pó de mármore, pó de café, serragem, giz, terra, cinza, bandagem para compor textura e as pinturas se transformam em verdadeiras pinturas esculturas. A inspiração para suas obras são elementos do cotidiano que passam despercebidos ou são considerados feios e estragados pela maioria das pessoas como, buracos na rua, paredes rachadas e descascadas, limbo, lama, ferrugem e elementos da natureza como rochas, vegetação, mar, rios, floresta, etc.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

A utilização de texturas e de processos de sobreposição de camadas e de raspagem traz para a arte um mergulho nos conceitos de rastros, fissuras e vestígios. Cada nova expressão plástica nessa direção é um mergulho nas potencialidades de trabalhar com o conceito de apagamento do passado rumo a um presente caracterizado por elos renovados e pela construção de um futuro que pode ser caracterizado pelo alinhavar das fendas que a história da Humanidade vem abrindo ao longo da História.



Patylene | Ruínas | Técnica mista | 55x65 cm | 2022



Patylene | O Portal | Técnica mista | 55x35 cm | 2022



Patylene | Mundo sem Fim | Técnica mista | 105x65 cm | 2022

R. F. BONGARTEN

fabricapoetica7@gmail.com

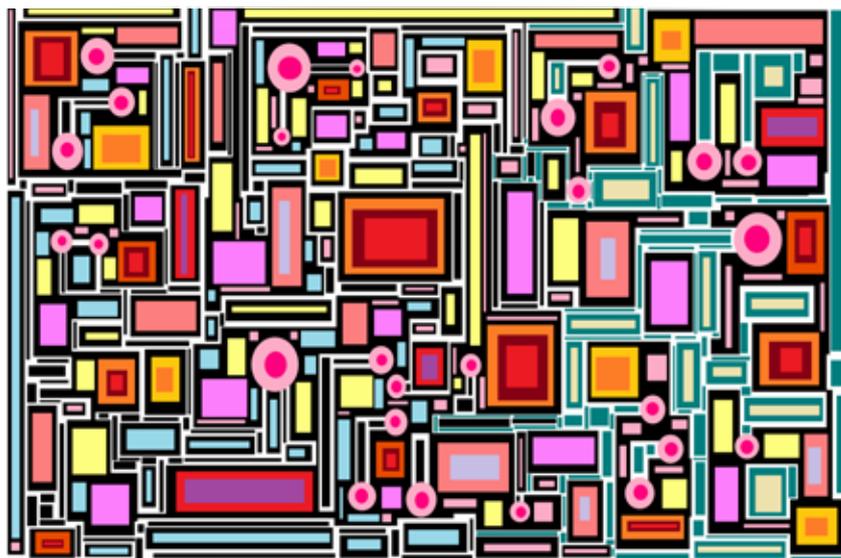


R. F. Bongarten, nasceu em Assis/SP em 09/06/1985. Desde criança desenhava animes e seriados que passavam na televisão. Fez seu primeiro Curso De pintura pelo instituto universal Brasileiro, Desenho Artístico em 2007. Apaixonado por Artes Abstratas se inspirou em Kandinsky, Pollok e Marchel Duchamp. Em 2009 iniciou um projeto artístico de livros. E de artes, chamado Fábrica Poética, cujo interesse era fazer qualquer tipo de texto poético, críticas aos problemas da sociedade. Profissionalizou-se somente em 2017 como artista plástico e digital NFT. Vendendo suas obras na região. A partir de 2018 criou uma grande quantidade de cartões postais artísticos, atualmente com mais de 700 modelos profissionais e colecionáveis.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

É no lidar com as geometrias que as formas do artista ganham conotações insuspeitadas. Podem evocar diversos elementos do mundo real, mas a sua magnitude se amplia quando não são vistas como meras representações de algo, mas como sugestões de um entendimento do mundo, uma ordenação simbólica criada perante uma realidade em que parece haver um caos primordial ainda a ser decifrado. A arte, nesse sentido, propõe múltiplas visões a indagarem e a inquietarem o observador.

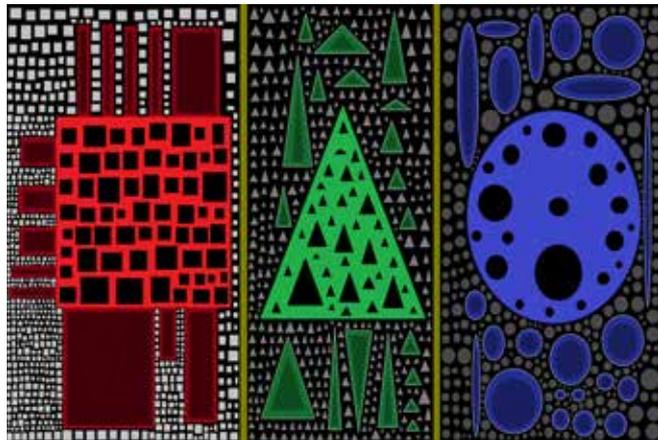


R. F. Bongarten | Discord | Arte digital | 2022

R. F.
Bongarten
| Trinco ou
Ponto Cruz |
Arte digital |
2022



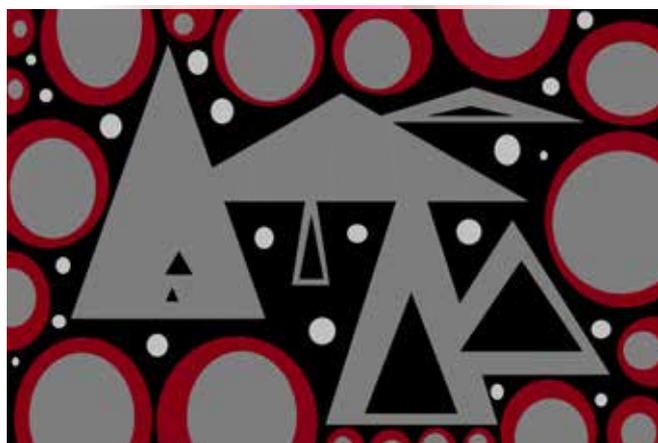
R. F.
Bongarten
| Concept |
Arte digital |
2022

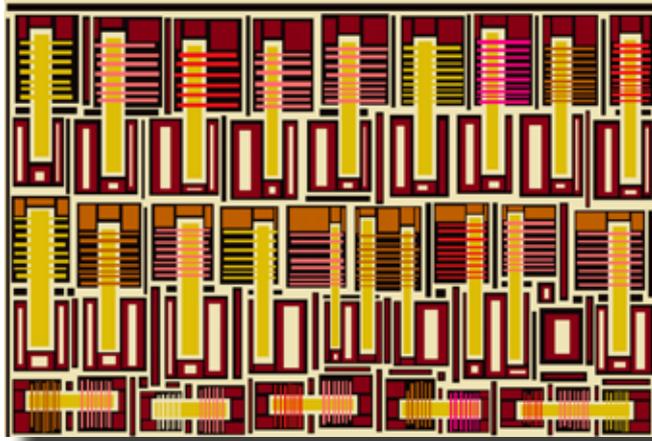


R. F.
Bongarten
| O Tempo |
Arte digital |
2022

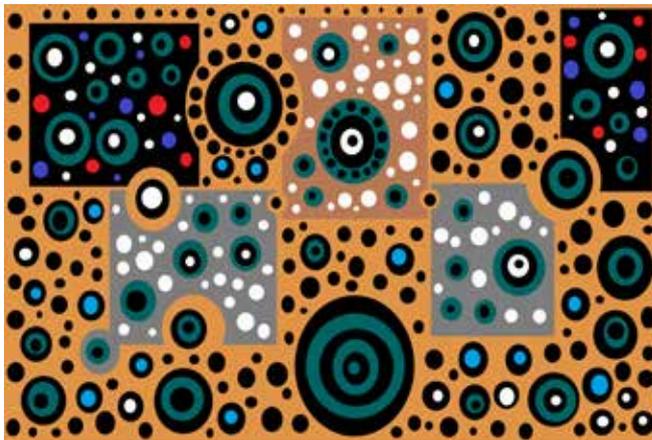


R. F.
Bongarten |
O Cara Triste
Pulando |
Arte digital |
2022

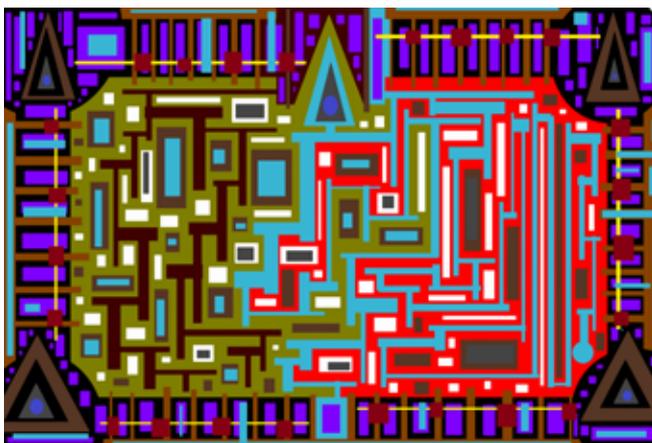




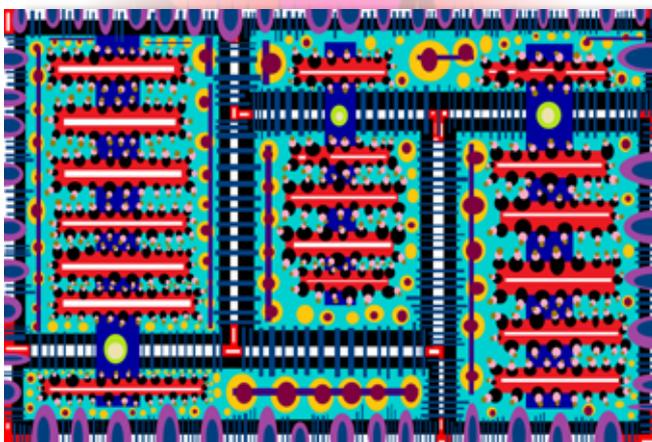
R. F.
Bongarten
| Madrova |
Arte digital |
2022



R. F.
Bongarten
| Pedacos
Galáticos |
Arte digital |
2022



R. F.
Bongarten |
Despertar |
Arte digital |
2022



R. F.
Bongarten |
Composição
| Arte digital |
2022

RAYMOND DE SÁ

usinacor@gmail.com



Raymond De Sá, natural de Brasília DF. É um apaixonado pela causa amazônica e mantém contato direto com os povos da floresta. Há vários registros na imprensa sobre suas andanças pelas comunidades dos grandes rios e afluentes da região, onde o Artista registra muitas “histórias contadas à luz das lamparinas”, saídas das bocas e imaginário dos caboclos antigos, benzedeiros, caçadores e pescadores. Tem muitas obras pintadas em casas de palafita, flutuantes, lugares onde deixou registrada sua impressão sobre o que viu, ouviu e vivenciou. Também participa de projetos e exposições individuais e coletivas em diversas capitais do país, onde separa a Amazônia midiática e cheia de clichês e nos conta acerca de uma cultura rústica e quase inédita e que anseia “ser ainda descoberta” pelo restante do país.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

A natureza oferta geometrias para quem sabe olhar para elas. De certa forma, existe no universo um manancial de informações a serem atentamente observadas e ressignificadas por cada artista. O espaço é um universo amplo a ser preenchido e no qual é possível lidar com cheios e vazios e com diversidades de cor e nuances de tonalidades. A divisão das áreas pelo artista indica a maneira como prefere lidar com as alternativas de composição, progressivamente enriquecedoras quanto mais se busca a simplicidade da profundidade.



Raymond de Sá | Revoada no Igapó | Acrílico sobre tela | 300x120 cm | 2018



Raymond de Sá | Indo pra Festa no Rio Taquaral | Acrílico sobre tela | 60x110 cm | 2020



Raymond de Sá | Casa Ribeirinha/ Girassol e grafismos | Mural | 650x750 cm | 2020

REGINA SGANZERLA

regiclaud123@gmail.com

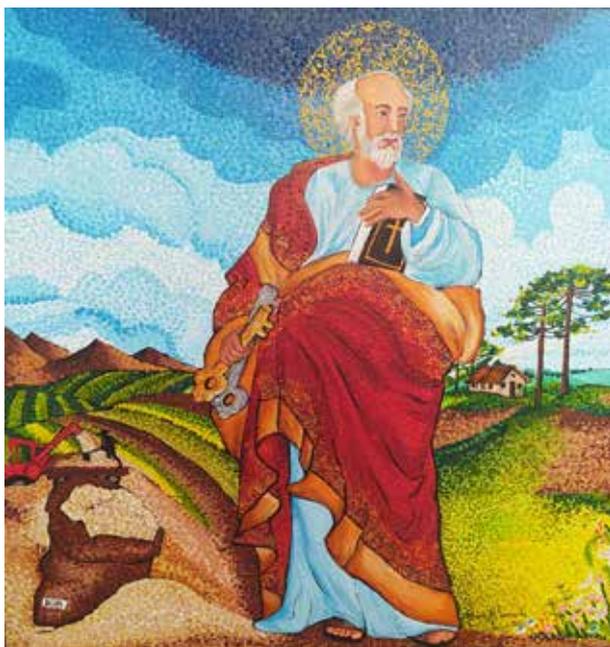


Regina Sganzerla traz como enredo condutor nas suas obras a temática fé e espiritualidade. Nas suas obras caracterizam se as cores vibrantes que destacam a técnica mista com predomínio do pontilhismo policromático. Em suas obras contextualiza e valoriza o dinamismo da vida contemporânea sem perder a leveza e suavidade que nos remetem ao divino. Entre seus objetivos está o de evangelizar através da arte em temas que nos remetem ao criador e as criaturas, a natureza, reflexão, posicionamento e responsabilidade do homem perante ao planeta, ao ser humano a flora e fauna também se refletem em suas obras, além das relações humanas, família, resgate de valores, conflitos existenciais, educação cultural, valorização do papel da mulher entre outros. Com sua arte ela busca não fugir da essência, com imagens recontextualizadas buscando conviver no campo da expressão artística abrindo possibilidades e integrando novos significados pela arte.

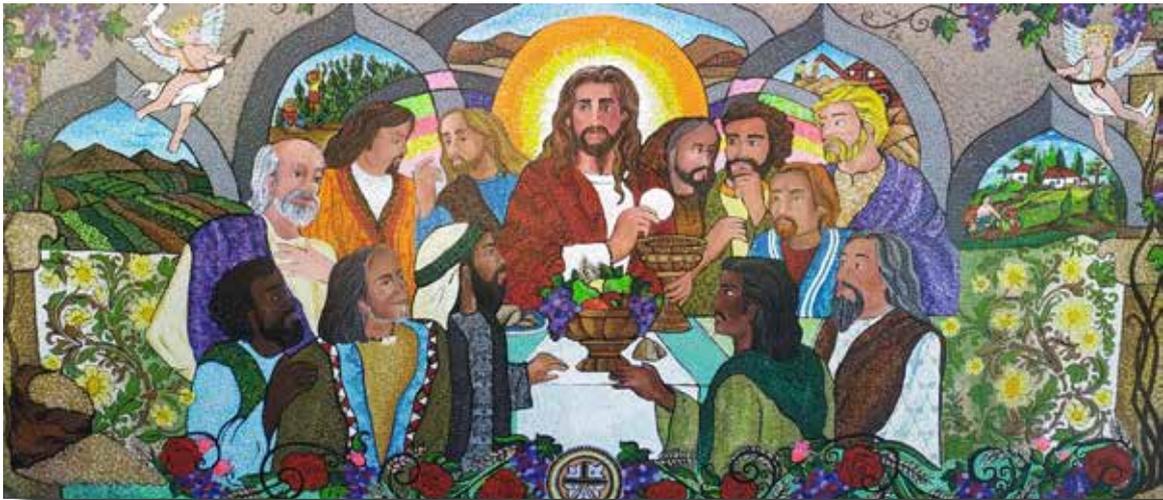


CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

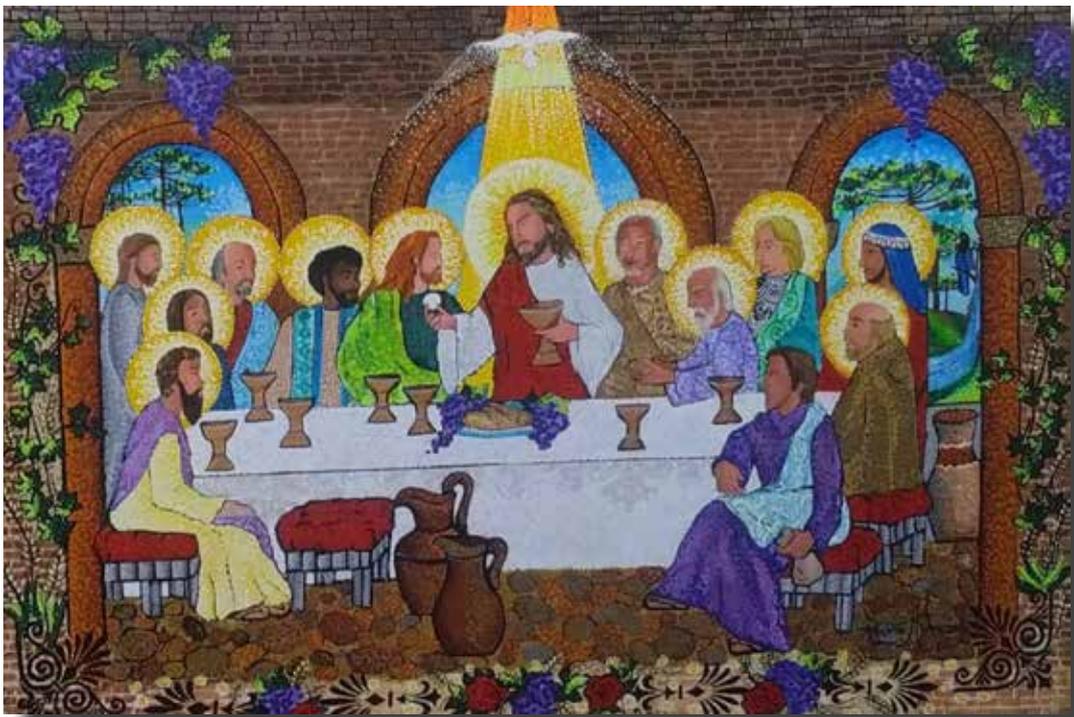
O sagrado e o profano se dão na arte de maneiras múltiplas, tanto dentro de paradigmas mais tradicionais, em que seres do catolicismo são visualmente encontrados nos trabalhos, como no sentido mais metafórico, em que existe a percepção de que o sagrado pode estar mesmo nos lugares menos evidentes e mais recônditos, nos quais a arte encontra mecanismos próprios de exploração dos sentidos. Uma cena cotidiana ou a natureza, nesse aspecto, são tão sagradas como uma cena bíblica.



Regina Sganzerla | São Pedro | Técnica mista | 90x70 cm | 2021



Regina Sganzerla | Santa Ceia | Técnica mista | 230x160 cm | 2021



Regina Sganzerla | Santa Ceia Convite | Técnica mista | 130x100 cm | 2021

RENATA IUDICIBUS

renata.iudicibus@grupogen.com.br



Renata de Iudicibus é editora de negócios e gestão e artista plástica abstrata. Nasceu em uma família de artistas; sempre observando o avô e a mãe e aos 15 anos pintou sua primeira tela usando as tintas que encontrou guardadas em casa. Suas obras são carregadas de personalidade e energia, condensadas numa mistura intensa de textura, cores e bastante movimento. Se tratando de cores, seu resultado final é variável de acordo com o fluxo de energia do momento: às vezes aposta em cores mais quentes, mas também trabalha com uma paleta mais fria quando sente necessário. Seu método vem de maneira intuitiva, de lembranças e de tudo o que a inspira e quando começa a trabalhar não tem uma imagem final como objetivo, se libertando de expectativas e permitindo que a criação corra livremente de acordo com cada obra, trazendo personalidade e uma energia única à cada peça.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

A atmosfera de uma obra de arte pode ser atingida pelo criador visual de variadas maneiras e com muitos recursos. Um deles está no gesto do ato de pintar. O movimento do braço, no sentido e criar maiores ou menores amplitudes, cria uma visualidade e, acima de tudo, dá à pintura uma temperatura. A cor complementa a forma para instaurar o clima de um trabalho. O maior fascínio é que as cores não são autônomas, mas dialogam entre si, o que amplia as variáveis e possibilidades de entendimento dos caminhos do processo criativo.



Renata Ludicibus | Alquimia | Técnica mista | 80x100 cm | 2022



Renata Ludicibus | Dança das Flores | Técnica mista | 100x120 cm | 2021



Renata Ludicibus | Irina | Técnica mista | 60x90 cm | 2021

RICO PACE

ricopace@yahoo.com.br



Rico Pace é artista plástico. arquiteto pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos. Na TV Cultura foi cenógrafo. (1978 a 1984), no Trama Cenografia: cenários para teatro, TV, ballet, cinema, e outros (1984 a 2015). Conta com dezenas de exposições coletivas e individuais no Brasil e exterior, entre as quais se destacam: Individual – Casarão da Cultura – Rio Claro – SP Brasil (06 a 16/04) – com “Bicho Papão e os sonhos inexplicáveis” (2019), Instituto Histórico e Cultural de ARCEBURGO – Minas Gerais – Brasil – XXXII Salão de Artes com “Bicho Papão” com “Feras Tempestuosas I” e “Feras Tempestuosas II”, Acervo de uma obra na Pinacoteca Benedito Calixto de Santos– Carnivora 322 Xr01. NOV.19, Participação na Revista Artrilha - com “Andrômeda” - 3 Quadros - São José do Rio Preto - Editora Artrilha - 13/08/2020 e participação no X Salão Internacional de Artes Visuais – Outubro 2020 - Menção Honrosa com a obra “Duo Fibras” de 2019 - Série Andrômeda.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Instaurar personagens significa dar a cada um deles uma visão de mundo. Trata-se de um processo muito mais complexo do que pode parecer em um primeiro momento. Passa por uma série de decisões. Cada uma delas implica em deixar de lado alguns outros caminhos. As veredas da composição de imagens estão no estabelecimento de aspectos plásticos que façam as linhas e formas desses seres se relacionarem com aquilo que se convencionou chamar de mundo real, marcado por limitações, enquanto a arte se dá no ilimitado e imprevisível.



Rico Pace | Chuvas sem Trégua | Acrílico sobre tela | 60x90 cm | 2020



Rico Pace | Chuvras sem Trégua - O Ermitao | Acrílico sobre tela | 60x90 cm | 2020



Rico Pace | Convidado 19 - Expressão 21 | Acrílico sobre tela | 80x80 cm | 2020

ROBERVAL SILVA

robervalteimoteo.s@gmail.com



Roberval Silva é artista plástico por paixão. Expressa sua arte em curvas aleatórias nos elementos que a natureza serve, seja na madeira ou na pedra bruta. Nascido no frio de julho de 1971 em Arapongas-PR, nutrindo e aquecendo seu coração sempre da inspiração de tudo que lhe aparece belo. Linhas retas dificilmente cativam, pois separam e levam à um fim, já as curvas não tem ponta e tudo que contorna faz transbordar, assim como sua imaginação, suas ideias e sua paixão em criar.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

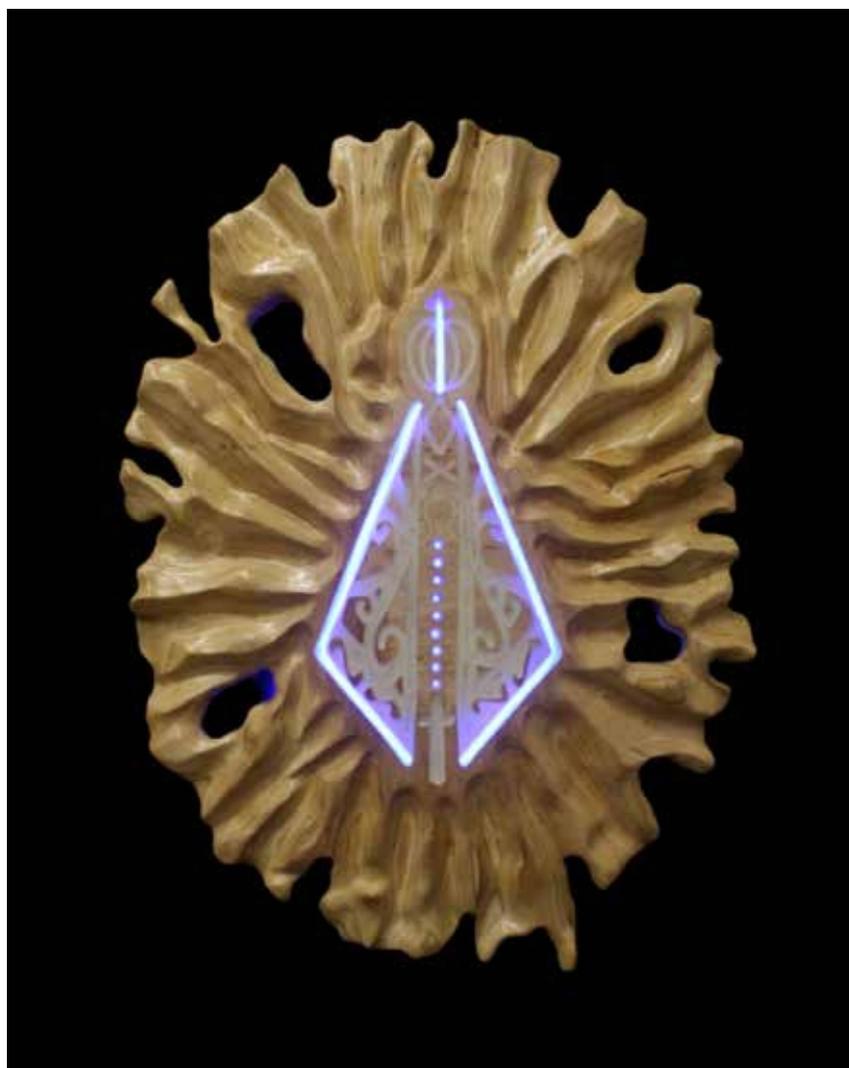
Lidar com o espaço é uma prática permanente do artista visual. As reentrâncias e cavidades são passos para mergulhar nas frestas entre o pensar e o fazer que se concretizam durante o processo criativo. Nesse sentido, cada nova peça traz interpretações metafóricas que abrem ao observador a possibilidade de se apropriar daquilo que entende como sendo arte, ou seja, o que o faz sentir e pensar. A poética do artista cresce, portanto, no momento em que tanto dá vazão à liberdade como conhece as limitações que os materiais lhe propiciam.



Roberval Silva | Rubi Negro | Escultura em madeira | 140x50x6 cm | 2021



Roberval Silva | Curvas Aleatórias de Luz | Escultura em madeira com neon |
160x80x7 cm | 2021



Roberval Silva | Nossa Senhora Aparecida Ilumina | Escultura em madeira com neon |
120X90x9 cm | 2022

RODRIGO SILVA

rodrigomanoeldasilva79@gmail.com



O artista plástico Rodrigo Silva nasceu na cidade de São José do Rio Preto interior de SP, Brasil. Aos sete anos de idade fez a primeira pintura. É autodidata no estilo naif, e tem uma carreira de 18 anos, na qual explorou não apenas a pintura, mas também a ilustração infantil. Já esteve presente em diversas exposições no Brasil e no exterior, entre as quais se destaca a participação nos Estados Unidos, Cuba, México, Noruega, Viena, Itália, Portugal, Canadá, China. Possui algumas premiações no Brasil e exterior.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

A densidade do conteúdo de uma imagem pode ocorrer das mais diversas maneiras. Não é necessário utilizar cores rebaixadas para atingir profundidade em diversas questões existenciais. Muitas vezes, é possível, pelo intenso colorido, levantar aspectos existenciais. Pela união e desunião visual de personagens ou pela maneira como eles dialogam no seu próprio interior é perfeitamente possível criar atmosferas que sugerem elos que apontam para as mais variadas narrativas, sejam elas esperançosas ou questionadoras da vivência humana.



Rodrigo Silva | Festa de São João | Acrílico sobre tela | 40x50 cm | 2022

À direita:
Rodrigo Silva |
Mundo das Fadas
e dos Anjos |
Acrílico sobre tela |
33x23 cm | 2022



Abaixo:
Rodrigo Silva |
Festa de Nossa
Senhora de Nazaré |
Acrílico sobre tela |
40x50 cm | 2022





À esquerda:
Rodrigo Silva |
Nossa Senhora
do Sorriso | Acrílico
sobre tela |
33x23 cm | 2022

Abaixo:
Rodrigo Silva |
Passeio no Campo |
Acrílico sobre tela |
60x25 cm | 2021



SICAVALCANTI

sicavalcanti66@gmail.com



Carlos de Siqueira Cavalcanti - SiCavalcanti, Carioca de nascimento, Engenheiro Mecânico por formação e Fotógrafo por vocação. Hoje é Artista Plástico, cria Obras de Arte, a partir de minhas imagens digitais em FineArt. Com foco na Natureza (que considera a face visível do Criador) busca, por onde passo, registrar em suas Telas, a Arte que a própria Natureza cria, para levar para o seu ambiente Harmonia, Tranquilidade, Paz, Amor e Alegria. SiCavalcanti já participou de várias exposições no Brasil e exterior e é um grande apaixonado pela arte.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

Uma representação visual ganha em profundidade quando procura trazer à tona diversas questões existenciais. A principal delas, de certo modo, sempre é o sentido da própria arte, ou seja, por que cada criador dedica o seu tempo e investe em materiais para atingir determinados resultados? Artistas que mergulham nesse universo possibilitam um entendimento maior de como as frestas entre o real e o imaginário são os locais em que a arte brota, como no presente caso, com maior intensidade.



SiCavalcanti | Ilhas | Fotografia | 70x105 cm | 2022



SiCavalcanti | Joia Rara | Fotografia | 70x105 cm | 2022



SiCavalcanti | Oceano | Fotografia | 70x105 cm | 2022



SiCavalcanti | Mosaico Verde | Fotografia | 70x105 cm | 2022



SiCavalcanti | Clip | Fotografia | 70x105 cm | 2022

SIMONE CEIA

simoneceia@gmail.com



Simone Ceia é artista visual e membro do Artilha. Iniciou sua carreira em pintura acrílica e colagem em 2019, quando migrou da área de produção de eventos para as artes visuais. Como suporte para suas pinturas e colagens qualquer material disponível, como telas, painéis de madeira, tecido e papéis diversos, valorizando a ressignificação de materiais para suporte. Participou da edição comemorativa de 1 ano da Revista Artilha com 3 de suas obras e participa, durante o ano de 2022, da exposição itinerante Papéis da Liberdade, promovida pela Associação Brasileira de Aquarela e Arte em Papel – ABA.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

A progressiva destruição dos referenciais reconhecíveis no mundo considerado real traz um pensar criativo e necessário sobre os objetos e a vida. Quanto mais se pratica a desconstrução não enquanto moda, mas como processo que busca um maior entendimento das próprias relações com o mundo e de construção de uma visualidade, mais o trabalho plástico tende a atingir novos paradigmas rumo a uma expressão mais contemporânea e conceitual daquilo que se entende como um desvendar do fazer em busca do ser.



Smone Ceia | Flores 5 | Acrílico sobre painel | 50x60 cm | 2022



Smone Ceia | Flores 8 | Acrílico sobre painel | 6x9 cm | 2022

Próxima página: Smone Ceia | Flores 8 | Acrílico sobre painel | 30x40 cm | 2022



TICIANA PARADA

ticianaparada70@gmail.com



Ticiana Parada é carioca moradora de Niterói. Desde pequena adorava desenhar e pintar influenciada pelo seu pai que pintava nas horas vagas. É formada em Pedagogia, estudou Arte Moderna e Educação Ambiental pela PUC RJ e Expografia e Projetos pela EAV Parque Lage. Trabalhou durante quase 30 anos em instituições de ensino sempre envolvendo a arte em seus projetos. Hoje vive se dedicando completamente a arte, fazendo projetos e exposições. Se inspira no artesanato, na literatura e nas músicas brasileiras refletindo, em suas obras, um retrato da vida comum e das questões sociais. Ainda, tem como influências: Tarsila do Amaral, Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Pablo Picasso, Käthe Kollwitz, Fayga Ostrower, entre outros. Em seus trabalhos usa tintas acrílica, óleo e material reciclado. Participou de projetos de arte e de exposições individuais e coletivas no Brasil e Exterior.

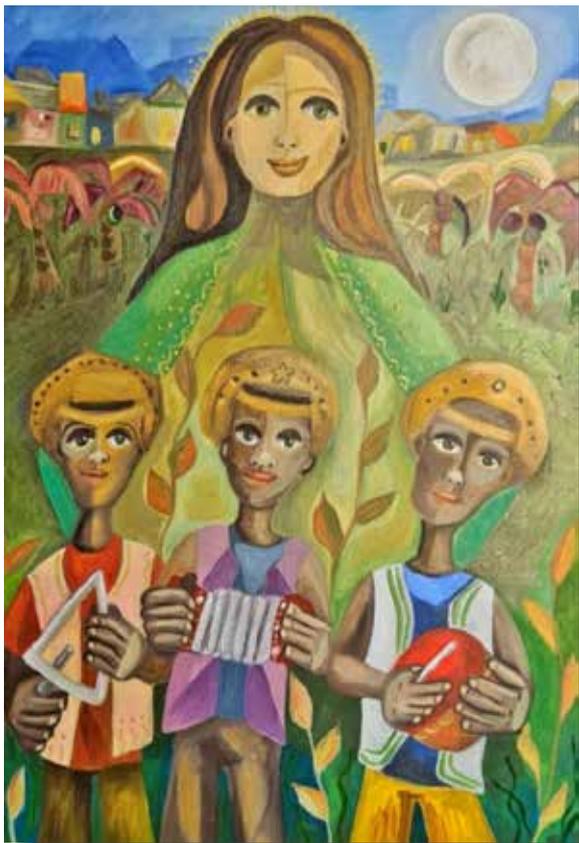


CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

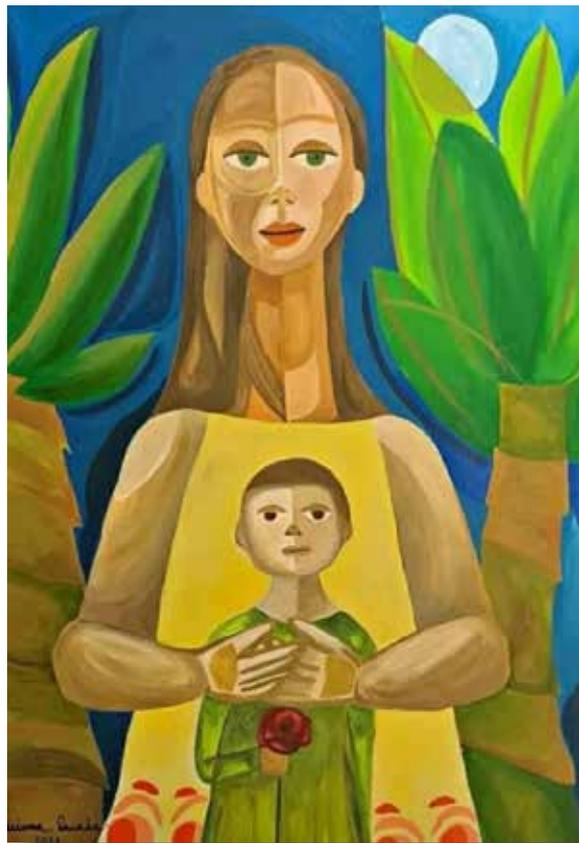
A multiplicidade de rostos que olham para o alto são índices de uma pintura que não se contenta em si mesma. As questões apresentadas caminham em direção a um buscar novos paradigmas, o que pode ocorrer das maneiras mais amplas e diversas. Não há, em arte, como se sabe, uma resposta única, mas uma multiplicidade delas. A discussão não está no melhor ou no pior, mas naquilo que é mais autêntico e denso, ou seja, que tem algo a acrescentar em termos de visão plástica e de mundo.



Tician Parada | Olhe para o Alto | Acrílico sobre painel | 90x70 cm | 2021



Ticiana Parada |
Forrô Abençoado |
Acrílico sobre painel |
50x70 cm | 2021



Ticiana Parada |
A Mulher e o Menino |
Acrílico sobre painel |
50x70 cm | 2021



Ticiana Parada | a Santa Ceia de Maria | Acrílico sobre painel | 120x60 cm | 2021



Ticiana Parada | Deuses e Mitos | Acrílico sobre painel | 120x60 cm | 2021

URUBU ARTS

urubu.arts@gmail.com



Urubu (Paulo Henrique Nogueira da Silva) é formado em publicidade e artes plásticas, foi professor de artes e se dedica a pintura e a tatuagem a mais de 30 anos. Sua inspiração vem da natureza e da física quântica, e suas técnicas tem influência do Naturalismo, Cubismo e Surrealismo. Tem várias participações em exposições nacionais e feiras de arte.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

A arte pode provir de várias fontes visuais. Cada manifestação visual encontra os seus próprios caminhos. A combinação entre as cores e a composição, por exemplo, torna este conjunto de trabalhos diferenciado. Existe uma procura contínua de soluções. Elas se manifestam de diversas maneiras, tendo como eixo central o estabelecimento de uma realidade plástica que dialogue com aquela que conhecemos. Dessa maneira, é instaurada uma mágica poucas vezes alcançada, a que leva criador e observador para uma sutil dimensão simbólica.



Urubu Arts | Entre Mundos | Técnica mista | 120x120 cm | 2021



Urubu Arts | Três
Dimensões | Técnica
mista | 120x120 cm |
2021



Urubu Arts | Flores da
Vida | Técnica mista |
120x120 cm | 2021



Urubu Arts | Lótus de
Origami | Técnica mista |
120x120 cm | 2021



Urubu Arts | Flores
| Técnica mista |
120x120 cm | 2021

VERA REICHERT

verareichert@gmail.com

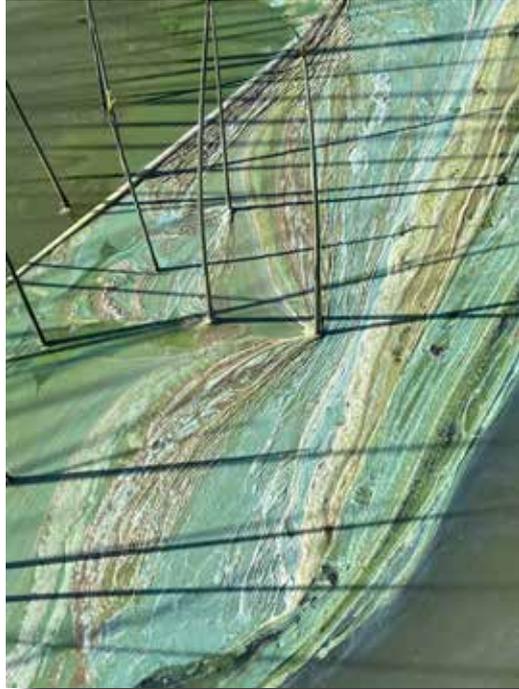


Vera Reichert é uma artista visual do Sul do Brasil, graduada em Letras na UFRGS. Trabalha com fotografia, vídeo, pintura e esculturas. Por ser mergulhadora, o mar instigou sua produção artística e em todos os seus trabalhos o tema de referência é a ÁGUA. Escreveu o livro “A Inquietude do Olhar” (The restless eye), onde fala de sua trajetória no mundo da Arte e deixa mensagem sobre água. Registrou em fotos as profundezas e traçou um paralelo com as efêmeras manchas de proliferação de algas na superfície das lagoas, buscando o inusitado, o diferente. Já realizou 32 Exposições Individuais e 191 Coletivas no Brasil e Exterior. É membro da Mondial Art Academia of France com a cadeira nº 481.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

A luz e a sombra são recursos plásticos com ricas conotações. Promovem, respectivamente, um diálogo entre a consciência e a inconsciência, ou seja, entre aquilo que pode ser visto e o que é imaginado. Lidar com esse universo remete o observador a um universo de percepções que estimula as possibilidades de leitura dos trabalhos. Além de caminhos individuais de visualidade, mergulha-se no entendimento de como os arquétipos trazem camadas a serem atentamente desvendadas.



Vera Reichert | Sombras na Superfície da Lagoa II | Fotografia | 50x70 cm | 2021



Vera Reichert | Gota D'água | Fotografia e gota de acrílico | 64x38 cm | 2020



Vera Reichert | Gotas | Fotografia e gota de acrílico | 64x38 cm e 50x29 cm | 2021



Vera Reichert | Superfície | Fotografia | 100x65 cm | 2004



Vera Reichert | Superfície | Fotografia | 100x65 cm | 2004

YLMA OHARA

ylmaohara@terra.com.br



Ylma Ohara é formada em Artes Visuais, com especialização em Filosofia Estética e também em Artes Contemporaneas. Amante do desenho, pintura e fotografia. Livros e filmes alimentam a alma da artista, que se considera uma eterna aprendiz. Em 2021 fez parte da exposição Catavento, em São Paulo - SP.



CRÔNICA DE OSCAR D'AMBROSIO

As visões mais realistas da arte não estão despidas de simbolismos. Ao se observar um quadro, surgem ambiguidades. Um mar, por exemplo, traz renovação, purificação e vida. Também apresenta aspectos relacionados com aquilo que está submerso e escondido. Nada é aquilo que parece ser em um primeiro momento. Isso se dá porque justamente porque, como alertava o pintor belga Magritte, a arte não é a verdade que parece ser. Ela constitui a porta de entrada para as representações da existência.



Ylma Ohara | Mergulho 2 | Óleo sobre tela | 100x150 cm | 2022



Ylma Ohara | Mergulho 3 | Óleo sobre tela | 100x150 cm | 2022



Ylma Ohara | Mergulho | Óleo sobre tela | 100x150 cm | 2022

ARTRILHA revista

ISBN: 978-65-84912-00-7

CDL



9 786584 912007

ARTRILHA REVISTA